

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

TAUANY MALDONADO ORSI

O LUGAR DOS PAIS NO BRINCAR DA CRIANÇA

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

TAUANY MALDONADO ORSI

O LUGAR DOS PAIS NO BRINCAR DA CRIANÇA

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de psicologia, sob orientação da professora Célia Maria de Souza Terra.

SÃO PAULO

2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, a todas as crianças, que são fonte de admiração e inspiração na minha vida. Adoro vê-las brincar, interagir, a maneira espontânea de ser e pensar, de falar, de se descobrir. Todas as crianças, em minha opinião, são os tesouros da humanidade, pois são elas que poderão transformar o mundo ou perpetuá-lo do jeito que está. É claro que isto vai depender dos ensinamentos e aprendizagens que estas crianças terão. E aqui se encontra os pais, para os quais também dedico este trabalho. Os pais são a fundamentação, a base do ser que irá se constituir, ou seja, das crianças, de seus filhos.

Por isso, não poderia deixar de dedicar este trabalho aos meus pais, Sônia e José Augusto, que são referencial, porto seguro e portadores de grande admiração na minha vida e história. Mãe e pai, agradeço por terem me gerado, pelos bons cuidados, por tudo que me proporcionaram, por sempre estarem ao meu lado, por todos os ensinamentos, enfim, pela minha vida e por quem eu sou. Obrigada! Amo muito vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Sônia e José Augusto, pela dedicação, credibilidade, confiança e amor que jamais faltaram na minha vida.

As minhas irmãs, Nathany e Luany, que sempre foram grandes amigas e parceiras em cada passo da estrada da vida.

Ao Pedro, por estar comigo há tanto tempo e ter sido um grande companheiro nestes últimos anos, fazendo os meus dias mais felizes.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado em momentos divertidos e de dificuldade, estando perto ou longe, sendo amigos de longa data ou de pouca data, mas que são amigos.

Não poderia deixar de agradecer ao Dante, amigo da faculdade, que me ajudou na metodologia deste trabalho com um super insight em um momento decisivo e final do envio deste projeto. Valeu Dante!

Agradeço a minha orientadora Célia Maria de Souza Terra por toda a ajuda e orientação oferecida.

À supervisora Cecília Faria, pela dedicação e acompanhamento do meu trabalho clínico e, também, por ter aceitado ser parecerista deste trabalho. Obrigada Cecília!

Agradeço também minha supervisora do estágio no Derdic, Josefina Carvalho, pela paciência e disponibilidade para discutir comigo assuntos essenciais para meu TCC.

Aos pais, crianças e profissionais da escola que foram receptivos e possibilitaram o andamento desta pesquisa.

Muito Obrigada!

ORSI, Tauany Maldonado. O lugar dos pais no brincar da criança. 2009 Or.: Célia Maria de Souza Terra.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade, compreender qual é o lugar dos pais no brincar da criança. Pretende-se observar como os pais encaram a brincadeira de seus filhos, como se posicionam diante dela e como agem em relação a esta atividade lúdica. Sabendo que o brincar é fundamental para um bom desenvolvimento da criança e, que os pais também são primordiais para isto, visou-se com esta pesquisa observar se os pais interferem nas atividades lúdicas dos seus filhos, e, caso afirmativo, de que maneira. Para isso foram realizadas observações de 10 crianças e entrevistas semi-dirigidas com os seus respectivos pais. Pode-se perceber que os pais e a posição deles diante seus filhos interferem na maneira da criança se comportar, se relacionar e até mesmo brincar. Portanto, o lugar dos pais no brincar da criança é um lugar de saber.

Palavras-chave: Brincar, Pais, Criança, Psicanálise.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	METODOLOGIA	12
3	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS CASOS	17
	Caso 1: B.....	17
	Caso 2: J.....	18
	Caso 3: M.....	18
	Caso 4: H.....	20
	Caso 5: T.....	21
	Caso 6: D.....	22
	Caso7: F.....	23
	Caso 8: Z.....	24
	Caso 9: C.....	26
	Caso 10: P.....	26
4	DISCUSSÃO	28
	<i>Brincar sozinho ou em grupo.....</i>	<i>28</i>
	<i>Participação dos pais.....</i>	<i>29</i>
	<i>Brincar.....</i>	<i>33</i>
	<i>Pais e filhos.....</i>	<i>36</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	BIBLIOGRAFIA	42
	ANEXOS	44
	TERMO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO.....	45
	TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS.....	46
	QUESTIONÁRIO PARA A ENTREVISTA.....	47
	TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

O brincar é um tema que desperta muito interesse pelo fato de ser algo que em algum momento da vida esteve ou estará presente. Diz-se isto pelo fato dele não apenas se restringir à infância, fase esta que a brincadeira ocupa praticamente todo tempo da criança, mas de se manter também na fase adulta com os jogos, que oferecem interação e diversão entre grupos, ou mesmo prazer individual.

Como se pode observar o brincar é uma grande fonte de prazer desde o início da vida, pois, segundo Freud, “para o bebê o simples sorrir para sua mãe enquanto esta lhe sorri seria uma maneira de brincar” (FREUD apud BETTELHEIM, 1990, p.165).

De acordo com Bettelheim, Freud também “[...] via a brincadeira como um meio pelo qual a criança efetua suas primeiras grandes realizações culturais e psicológicas, e dizia que através da brincadeira ela expressa a si própria” (FREUD apud BETTELHEIM, 1990, p.164).

Isto remete a outro motivo que levou à investigação deste tema: a importância do brincar. Existem muitos estudos que o envolvem e que mostram sua eficácia para o desenvolvimento do ser humano, assim o interesse por investigar e observar mais de perto a relevância desta atividade para as crianças.

Através do brincar a criança vai conhecendo o mundo que a circunda, aprende a conviver em sociedade, elabora seus medos e angústias utilizando-se de alguns instrumentos: os brinquedos. Estes podem ser desde uma caixa velha, até uma boneca que fala. Mas o que importa não é o brinquedo em si, mas como a criança o usa. Segundo Arfouilloux, “O brinquedo é um trabalho de construção e criação” (1976, p. 94), e ainda “A criança que brinca experimenta-se e constrói-se através do brinquedo. Ela aprende a dominar a angústia, a conhecer seu corpo, a fazer representações do mundo exterior e mais tarde a agir sobre ele” (1976, p. 94).

Portanto, “brincar é o processo pelo qual ela (criança) se inteira dos dois lados da realidade – interno e externo – e começa não só a fazer as pazes com as legítimas exigências de ambos, mas também a aprender como satisfazê-las em benefício próprio e dos outros” (BETTELHEIM, 1990, p.179).

Brincando a criança se humaniza e se constitui como sujeito social. Segundo Winnicott,

“...no brincar a criança é capaz de integrar seu mundo interno com a realidade que a circunda. O brincar acontece em um espaço potencial que existe entre o mundo interno e a realidade externa, espaço que será ocupado posteriormente pelas experiências culturais” (WINNICOTT apud PETRIC, 2005, p.12).

Através da brincadeira, a criança se desenvolve e assimila o mundo que está a sua volta e, desta maneira, a partir do brincar o adulto consegue avaliar desenvolvimento da criança. Como diz Winnicott,

“[...] o brincar é um importante fator de avaliação do desenvolvimento do sentimento do ser (self) da criança, e que é através do brincar criativo que ela conhece o mundo, desenvolvendo-se assim de modo saudável” (WINNICOTT, 1975, p.81).

Desta maneira, o não brincar no momento adequado com o brinquedo correspondente acarreta perturbações, e o fato de não surgir um determinado modo de brincar pode ser sinal de mau desenvolvimento. Portanto, para Aberastury (1932), a criança que brinca bem é sinônimo de saúde mental.

Também pode-se levar em conta como avaliador do desenvolvimento da criança o que Winnicott (1983) “chama de capacidade de ficar só”. Esta experiência consiste em a criança ficar só na presença do outro, de modo estável e bem consigo, sem necessitar do auxílio e proteção de outra pessoa. Segundo Winnicott (1983, p.31), “esta capacidade é um dos sinais mais importantes do desenvolvimento emocional”.

Evidenciando a importância do brincar e buscando maiores referências em relação a este tema, notamos também que Winnicott afirma:

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)” (WINNICOTT, 1975, p.80).

Portanto, é explorando a criatividade e deixando-a livre para emergir, que o indivíduo desenvolve seu ser e conhece o seu verdadeiro eu. E como citado acima, o brincar é a atividade ideal para estas descobertas que o sujeito faz.

Porém, o desenvolvimento humano não depende somente de cada ser, ele percorre uma longa história que envolve todo um ambiente, uma vez que, “o comportamento do ambiente faz parte do próprio desenvolvimento pessoal do indivíduo, e, portanto, tem de ser incluído” (WINNICOTT, 1975, p.79).

Nesse ambiente encontramos os pais, que são grandes os responsáveis pelo que seus filhos virão a ser, não somente pensando no que oferecem aos seus filhos, como alimentação e moradia, que constituem fatores importantes para a sobrevivência, mas refiro-me ao desenvolvimento emocional, uma vez que, os pais influenciam diretamente na constituição do eu de seus filhos, já que possuem desejos e ambições em relação a eles, mesmo antes deles nascerem.

“Segundo Winnicott (1997) há uma tendência ao desenvolvimento emocional assim como há uma tendência ao processo evolutivo das funções orgânicas. Há uma energia – um potencial de vir a ser – que pode ou não se realizar de acordo com abertura de espaço ou não do ambiente. Este potencial de vir a ser para o bebê está presente desde o momento em que os pais começam a desejar e imaginar o filho, que se inicia antes mesmo da concepção” (WINNICOTT apud DIAS, 2004, p.11).

Com essa afirmação, percebemos como os pais têm uma grande responsabilidade sobre seus filhos, uma vez que os proporciona espaço para se descobrirem e se constituírem. Uma forma de possibilitar a seus filhos um desenvolvimento saudável é através do brincar e, diante de tantos argumentos narrados acima, deveria ser considerada a atividade mais séria da criança.

Porém, os pais vêm o brincar, muitas vezes, como algo voltado somente para o lazer, que visa o prazer, enfatizando o desenvolvimento das crianças de acordo com as

responsabilidades e regras impostas pela sociedade. Desta maneira, muitos pais não consideram o brincar como algo importante, e assim, deixam pouco espaço para esta atividade, preenchendo os horários das crianças com atividades extra-escolares visando apenas o futuro delas.

Deste modo, pode-se concluir que a criança não é vista como alguém que já é, mas sim como um vir a ser. E, como diz Petric:

“Se a criança fosse encarada como alguém que pode ser hoje, no aqui-agora, o espaço destinado ao brincar poderia ser mais valorizado. É por pensar na criança como alguém que ainda não é, mas virá a ser que o adulto tenta dar uma justificativa para todas as suas atitudes, pois cada atividade exercida deve ter um objetivo que influencie que pessoa esta criança se tornará; não se pensa no bem que algumas atividades podem exercer no ser que já é” (PETRIC, 2005, p.17).

Sendo assim, a criança é considerada como um mini-adulto, já que deve começar a conhecer e se comportar como adultos, colocando em prática este modo de agir, e se preparando para vir a sê-lo.

Segundo Bettelheim (1990), a atitude dos pais em relação à criança influencia nos seus sentimentos e pensamentos e, quando os pais não valorizam essa atividade - o brincar – a criança pode se sentir desvalorizada.

Neste momento encontra-se uma contradição, pois ao mesmo tempo em que o brincar e os pais são fundamentais para o desenvolvimento de seus filhos, há também um conflito entre eles. Este conflito deriva do fato de que a criança tem seus pais como referenciais e como estes mostram não considerarem o brincar como algo importante para o crescimento. Tal como as demais atividades escolhidas pensando no futuro, as crianças poderiam adotar a postura de seus pais, desvalorizando o brincar e se fixando nas responsabilidades que lhe são dadas.

Assim, sabendo que essa colocação dos pais não é regra e que eles devem dar subsídios para seus filhos, e também que o brincar é essencial para a formação do sujeito, decidimos investigar sobre o lugar dos pais no brincar da criança e a maneira como encaram essa atividade de fato. Participando das atividades criativas de seus filhos ou possibilitando que estas atividades aconteçam. Pretende-se observar e compreender se há interferência no brincar da criança pela posição adotada pelos seus pais frente a esta atividade lúdica.

A importância desta pesquisa reside no fato de não encontrarmos subsídios teóricos para este assunto, ademais, através dela os pais podem rever o espaço que é dado para o brincar de seus filhos, e a contribuição que esta atividade lúdica tem no desenvolvimento saudável de cada criança.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem psicanalítica, na qual o estudo aconteceu de forma empírica. Optamos por uma pesquisa qualitativa, direcionada à compreensão particular do lugar dos pais no brincar da criança, e não na generalização, princípios ou leis.

Preferimos o empirismo, pois desta maneira podemos acompanhar passo a passo o brincar das crianças e suas relações com seus pais, uma vez que, durante as entrevistas foi possível observar a interação entre pais e filhos.

A escolha pela psicanálise baseia-se na crença de que esta linha teórica explica e evidencia muitas questões sobre a importância da ludicidade e, a interferência e responsabilidade dos pais frente ao desenvolvimento de seus filhos.

A pesquisa aconteceu no ano de 2009, durante aproximadamente quatro meses. A coleta de dados foi realizada através de observações de crianças de três a seis anos de idade no ambiente escolar. Após minuciosa seleção, constituímos dois grupos de crianças: um de crianças que brincam e outro de crianças que não brincam.

Neste trabalho, entendemos o brincar como qualquer atividade na qual a criança explore suas potencialidades, usando sua criatividade, descobrindo novas formas de entender o mundo ou até mesmo reproduzindo e repetindo experiências já conhecidas e/ou vivenciadas, seja individualmente ou socialmente. Já o não brincar foi definido como a realização de atividades que comprometam a si e seus colegas, em situações de agressões, xingamentos, atividades que envolvam violência e, também a não realização e participação de brincadeiras.

Depois de selecionados os grupos, realizamos entrevistas semi-dirigidas com os pais destas crianças no intuito de descobrir como eles veem o brincar. A importância das entrevistas reside no fato de notarmos se realmente há ligação entre o que os pais pensam e a forma de seus filhos se posicionarem no mundo.

Procedimento de coleta: Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram observações no ambiente escolar, construção de um questionário e entrevistas semi-dirigidas com os pais. A seguir, expomos o passo a passo de cada um destes instrumentos.

Observação no ambiente escolar: Trata-se de um colégio particular, localizado no interior de São Paulo, na cidade de José Bonifácio, no qual a pesquisadora já estudou e possuía contato com a direção. A autorização para a realização da pesquisa na escola foi formalizada por um termo de consentimento (anexo I). A direção da escola aprovou o pedido, possibilitando as observações das crianças do ensino infantil no horário do intervalo por tempo indeterminado.

Foram realizadas três visitas à escola, em intervalos de aproximadamente um mês, nos quais foi possível observar as atividades das crianças durante o recreio. Nestes encontros, a pesquisadora ficava sentada em um canto do pátio, local que possibilitava uma visão geral de todas as crianças e do que estavam fazendo. A pesquisadora fazia anotações sobre o que observava em cada criança, pois assim, teria informações para comparar na próxima visita. O fato das observações terem sido espaçadas propiciou a possibilidade de presenciar modificações no comportamento e atitudes de algumas crianças, fato utilizado como dado para a pesquisa e discutido na análise.

Feitas as observações, foram selecionadas dez crianças as quais ficaram subdivididas em dois grupos, que tinham em comum o fato de brincar ou não brincar. Terminada esta fase da pesquisa, passamos às seguintes.

Construção do questionário: Este foi construído de acordo com o objetivo da pesquisa, ou seja, entender qual é o lugar dos pais no brincar da criança, incluindo os estudos existentes nesta área.

Optamos por um questionário composto por questões abertas objetivando conhecer a rotina das crianças, como os pais interferem, os aspectos do brincar e a posição dos pais frente a esta atividade. E sendo questões abertas, os pais ficariam livres para responderem da forma que desejassem.

Entrevistas semi-dirigida com os pais: Utilizamos o questionário como norteador da entrevista, que tinha como finalidade obter mais informações sobre a criança, o brincar e a relação com seus pais.

Para a realização das entrevistas, a pesquisadora necessitou entrar em contato com os pais por telefone - meio de comunicação que a escola possuía com os pais - para apresentar a proposta da pesquisa e convidá-los a participar.

A maioria dos pais foram receptivos, colocaram-se à disposição, agendando o horário e dia para a visita da pesquisadora em suas residências para a realização da entrevista. Apenas uma mãe, mostrou-se desconfiada no contato inicial, pedindo que a entrevista fosse realizada em outro local, sugerimos a casa da pesquisadora, mas não compareceu no dia e hora marcada. Quando foi procurada novamente, permitiu que fosse feita em sua residência, estando lá no horário combinado.

Outros dois casos não foram possíveis, pois em um o meio de contato estava errado, e o outro a mãe inicialmente pareceu disponível, mas dizia não ter horário para a entrevista, pois trabalhava como diarista e não tinha horário certo, dizendo que tentaria “arrumar um dia”. Solicitou contato posterior, mas não atendia mais as ligações. Portanto, foram realizadas oito entrevistas.

Dos oito casos, em dois conseguimos entrevistar apenas as mães, pois os pais “sempre” estavam em horário de trabalho, não podendo contribuir com a pesquisa, mas mesmo assim, foi obtido o consentimento deles para o andamento da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas em uma semana, com duração média de uma hora, com cada família, pois em alguns casos, os filhos estavam presentes.

Participantes: Dez crianças de 3 a 5 anos, que estudam na pré-escola do colégio particular citado acima e seus pais. As crianças foram selecionadas após as observações e, em linhas gerais, a maioria das crianças estavam envolvidas em uma atividade lúdica satisfatória. Contudo, foi possível observar que algumas crianças tinham dificuldade na interação com o próprio brincar.

Deste modo, foram selecionadas cinco crianças que brincavam e cinco que não brincavam. Em um segundo momento, foi feito o contato com os pais para a realização da entrevista, sendo que dois casos ficaram sem continuidade no procedimento.

Veja a tabela dos participantes:

Grupo de crianças que brincam	Grupo de crianças que não brincam
Criança: B Idade:3 anos/ Sexo:Feminino Mãe: F e Pai: J	Criança: M Idade:3 anos/ Sexo:Masculino Mãe: V e Pai: M
Criança: J Idade: 5 anos/ Sexo:Feminino Mãe: F e Pai: S	Criança: T Idade: 4 anos e meio/ Sexo:Masculino Mãe:T e Pai: T
Criança: H Idade: 4 anos e meio/Sexo: Masculino Mãe: M e Pai: F	Criança: F Idade: 5 anos/ Sexo: Masculino Mãe: A e Pai: A
Criança: D Idade: 3 anos/ Sexo: Masculino Mãe: M e Pai: A	Criança: C Idade: 4 anos/ Sexo: Feminino Pais: Foi feito o primeiro contato com a mãe A, mas não a entrevista).
Criança: Z Idade: 4 anos/ Sexo: Masculino Mãe: L e Pai: D	Criança: P Idade: 4 anos/ Sexo: Feminino Pais: Não teve contato,telefone errado.

Análise: A análise foi feita através de uma apresentação e reflexão sobre cada caso e, posteriormente, a comparação dos dados recolhidos desses dois grupos pra concluirmos se há diferença ou não entre o pensamento e atitude dos pais das crianças que brincam e das que não brincam, para verificarmos se esta variável influencia na maneira de brincar das crianças.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS CASOS

Caso 1: B parece uma menina calma, com uma boa capacidade de relacionamento, embora em alguns momentos parece preferir o isolamento. Porém, este comportamento deve estar relacionado ao fato de se ausentar quando a situação não é conveniente e interessante para ela.

B é um pouco tímida, inicialmente retraída, não é de conversar com quem não conhece, mas com as pessoas com as quais já está familiarizada mostra-se à vontade.

Tem boa desenvoltura para o brincar, realizando esta atividade sozinha ou em grupo. Gosta de fantasiar nas brincadeiras, imitando as irmãs com os afazeres da escola, uma vez que, ela não possui esta rotina.

Apesar dos pais não serem presentes no brincar da filha e de acompanhá-la nesta atividade, mostraram ser coniventes com as atividades da criança, oferecendo espaço e tempo para ela se exercitar, criar e, com isso se desenvolver.

Nesta família, percebemos que os estudos e a escola prevalecem sobre o brincar, pois, as irmãs de B que são maiores e já trazem lições da escola para fazer em casa, só podem brincar depois de terminadas as tarefas escolares. Portanto, nota-se que o brincar é defendido, mas após algumas obrigações.

O pai considera o brincar como algo mais direcionado ao lazer do que à aprendizagem. Defende que esta atividade só é educativa quando são usados brinquedos que levem a isso, como lousa, quebra-cabeça. Relata que em algumas brincadeiras há a possibilidade de aprendizagem, cita como exemplo: “quando se está andando de bicicleta pode ser ensinado que deve parar na esquina”.

Para a mãe, entretanto, o brincar é uma situação de aprendizado, “uma forma da criança aprender se divertindo e sem obrigação”.

Por fim, observa-se que B tem respaldo dos pais para se desenvolver, apesar deles não estarem presentes o tempo todo. Oferecem oportunidades para filha brincar, se divertir, se sentir bem e elaborar algumas de suas fantasias e desejos. Como o caso mencionado pela mãe: B leva sua boneca para todos os lados querendo lhe dar de mama e cuidar dela como a mãe cuida do seu irmãozinho bebê.

Os pais podem não ser muito presentes no brincar de suas filhas, uma vez que, estão envolvidos com seus trabalhos, ficando pouco em casa, principalmente o pai. Mas eles estão atentos aos seus filhos, observando a maneira deles agirem, de serem e, proporcionando também outras maneiras de compensar a ausência, levando-os para a casa de amiguinhos para brincarem, na avó que parece ter um cuidado e toda uma atenção dedicada a estas crianças.

Isso evidencia como é importante e como a criança se atém a este olhar disponível dos adultos para se desenvolver.

Caso 2: J demonstra ser uma garota simpática e curiosa. Está sempre querendo saber das coisas e por dentro das situações. Durante a entrevista com os pais, ela esteve presente praticamente o tempo todo, saía de vez em quando para ir à casa da avó, mas logo voltava e ficava muito atenta a nossa conversa.

Ela gosta muito de realizar atividades que envolvam a realidade, o dia a dia. Isto se deve ao fato de estar em fase de alfabetização, na qual já começa a ter algumas tarefas para serem feitas em casa.. Além disso, J também participa de balé, mais uma atividade que ocupa parte de seu tempo e que contribui com o desenvolvimento. A mãe de J valoriza muito o brincar dizendo que preferiria que a filha brincasse mais a assistir TV. A garota mostra uma grande preferência pela televisão e por brincadeiras que envolvem a tecnologia, como vídeo-game.

Há uma divergência na observação de J na escola e a visão dos pais sobre a filha. Na escola, J interage bem com as outras crianças, desenvolvendo a maioria das atividades com uma amiguinha de sala. A mãe comenta que ela não tem muitos amigos e que prefere brincar sozinha, apesar da mãe não gostar disto. Portanto, nota-se que a maneira dos pais se posicionarem em relação a seus filhos muda a maneira da criança agir no mundo.

J é muito inteligente, tem um bom relacionamento interpessoal, principalmente com adultos, segundo a mãe. Sobre como veem o brincar, os pais dizem que é lazer, que faz parte do desenvolvimento e que é uma etapa deste, além de ajudar a ampliar a imaginação e a criatividade.

Caso 3: M é descrito pela mãe como uma criança agitada, que nunca para quieta. Relata que o garoto tem preferência por brincadeiras que envolvam mais movimentos, como

andar de bicicleta e afirma que se der um brinquedo para ele sentar e ficar quieto brincando, ele não fica.

Ao mesmo tempo, a mãe também fala que não tem muita paciência com o filho, ficando sempre brava com ele, pois acredita que ele irá fazer bagunça. Já o pai tem mais paciência, porém mima o filho, dando tudo o que ele quer.

O garoto, com apenas três anos, é chamado pela mãe de “sem-vergonha”, uma vez que ele briga com ela, fazendo escândalo para a vizinhança ouvir. Nota-se que não há um bom relacionamento entre a mãe e filho, já que a mãe afirma não ter paciência e se manter muito irritada com a criança, deixando ele sobre cuidado de outras pessoas. Com isso, a hipótese que pode ser levantada é que a experiência primária de relacionamento, que seria mãe-bebê não foi muito satisfatória, e que muito possivelmente interfere na maneira de M se relacionar com os amiguinhos. Ele está sempre implicando e brigando com os colegas da escola, pois não quer jamais ser frustrado.

Temos a impressão que não há um cuidado e um olhar maternal sobre as atividades e a vida desta criança. E, por mais que haja a presença deste pai na vida do garoto, parece haver um hiato na relação mãe-filho.

A presença do pai é importante para o garoto, já que ele é a referência e porto seguro dele, pois o pai que é a pessoa solicitada para brincar e para ajudar nos cuidados de higiene, como por exemplo, limpar o bumbum no banheiro. Corroborando, a mãe conta que quando o pai viaja o garoto chora muito. Fica evidente o porquê disto, uma vez que o pai é a referência da criança.

Porém, a afirmação de que a relação pai e filho não é suficiente está inscrita na forma como o menino age no mundo; está sempre brigando, implicando, não está contente com nada. Parece haver um traço de agressividade, já que a mãe conta que M está sempre quebrando seus brinquedos e os achando mais bonito.

A questão que ronda esta dinâmica familiar é até que ponto este pai é presente na vida do filho. Será que é de maneira materialista, ou será que há um investimento de afeto.

Pelos dizeres da mãe, parece haver afeto nessa relação. Mas o pai parece ser alguém bem desligado consigo e com o mundo. Portanto, observamos algumas lacunas na história e crescimento deste filho.

Por fim, os pais consideram o brincar como fazendo parte do desenvolvimento e que o brincar será diferente em cada etapa.

Caso 4: H parece ser uma criança mais retraída, não sendo muito espontâneo, ficando mais quieto em situações desconhecidas. Ele estabelece relações meio conturbadas com as crianças, pois ora está tudo bem e estão brincando e, ora estão brigando por H não aceitar a dinâmica da brincadeira. Ele fica sempre com dois amiguinhos da escola, ambos sendo de sua sala. Um deles, quando percebe que vai começar a dar briga, se afasta e o outro continua a brincadeira, mas sempre acaba sobrando para ele a “luta séria” com H, a qual é finalizada com machucados e desentendimento dos garotos. Esta questão sobre as brincadeiras de luta foi mencionada pela mãe, que disse não gostar destas brincadeiras do filho com ela, mas que nunca percebeu esta atividade com outras crianças, considerando que com elas o filho brinca mais tranquilamente. A própria mãe, levanta este aspecto do brincar de luta como uma coisa mais agitada, e percebemos isso em H durante as observações na escola, uma vez que o garoto está sempre em atividade e em brincadeiras que envolvam movimento e perigo. Porém, pela fala da mãe, identifica-se que em casa, ou mesmo perto dela, o filho tem outra postura, brincando de forma mais “tranquila”, com carrinhos e contando histórias.

Isto pode derivar-se de como a mãe reage e se posiciona diante o brincar do garoto, pois se ela o repreende e demonstra que aquela atividade não é bem-vinda, o menino pode se restringir a fazê-la. Ou também, ele pode não brincar de luta por não encontrar parceiros para tal atividade nestes outros lugares: em casa, com os vizinhos.

Por mais que haja estas variáveis que interferem no brincar de H, ele parece possuir características bem ligadas a questões de agressividade. A aparência do garoto é de uma criança brava, nervosa, pois esta sempre de cara fechada. Enquanto realizávamos a entrevista com a mãe, frente a algumas privações – como, por exemplo, assistir a TV com volume diminuído -, H começou a esbravejar, jogar os seus brinquedos, mostrando não ter muita paciência. A mãe pediu algumas vezes, mas não era apenas um pedido com uma conversa, era uma ordem, com ameaças a colocá-lo de castigo. Ela conta que quando o filho começa a fazer “gracinhas”, que se incomoda e pede para ele parar, mas isto não acontece, e ela precisa colocá-lo de castigo.

Desta forma, H parece uma criança muito reprimida pela mãe, podendo exercer e agir apenas da maneira que ela gosta e o permite. A mãe mostrou estar sempre muito atenta ao filho, acompanhando-o na escola e em casa. Pensa que é melhor o filho estudar à tarde, mas não é possível pelo fato dela trabalhar e este horário ser incompatível com o seu. Ou seja, uma mãe que tem alguns ideais, mas estes são barrados pelas dificuldades.

Este aspecto é evidenciado também quando a mãe fala que considera as atividades extracurriculares boas para o desenvolvimento, mas acha seu filho muito pequeno para isso.

O que podemos observar é que a mãe está sempre avaliando e questionando a capacidade do seu filho, pois também comenta que o dia a dia do garoto é “puxado para ele”.

Esta afirmação também advém de como a mãe percebe o brincar, já que o vê como uma atividade propícia observar como o filho se comporta e como se relaciona com as outras crianças.

Por fim, a mãe considera que o trabalho limita a atenção que os pais podem dar para o filho.

Caso 5: T é um menino esperto, ágil, que quer estar sempre presente em todas as atividades, seja para atrapalhar ou para brincar. O fato dele atrapalhar pode ser por não gostar da brincadeira ou por não ser incluído nela. De fato, na escola, não se observou o garoto muito tempo realizando uma mesma atividade, ora ele estava na areia, ora no escorregador ou gira-gira, ou mesmo andando pelo pátio, no meio de um grupo e depois de outro. Isto evidencia o que a mãe chama de hiperatividade. Realmente, T é uma criança que não se concentra e não se envolve muito com o brincar. Percebemos que ele quer participar e aproveitar tudo, mas isso não acaba acontecendo. Na ânsia de estar em tudo, ele acaba entrando no meio das brincadeiras e atrapalhando os amigos que acabam ficando bravos com, contudo, não chegam a brigar porque T se afasta partindo para uma nova atividade. Ele não foi um garoto que pode ser observado brigando na escola, porém, em sua casa, ele enfrentava a mãe, que o define como teimoso, já que pede para ele parar de pular no sofá, ou aumentar a televisão, e ele continua. A mãe conta que com o pai também é assim, dando o exemplo de que ele pede para o filho descer do portão, e o menino não obedece, tendo o pai que retirá-lo, mas que mesmo assim o garoto vai e sobe de novo. Parece uma questão de enfrentamento mesmo.

Ela fala que o garoto obedece mais o pai e acha que isto acontece pelo fato dele ter medo do pai, uma vez que, este bate e também por não permanecer em casa. Ela que fica o dia todo com as crianças, acaba não sendo respeitada. Tenta resolver os problemas com o filho conversando, falando, pedindo, deixando por último as palmadas e, quando as aplica, fica sentindo-se culpada e se questionando se fez certo. A mãe diz que “pega muito no pé”, e

quando fala isto, parece concordar com a posição do filho de não respeitá-la, como se dissesse eu sou chata mesmo.

A mãe se posiciona diante os filhos como uma amiga, fala isso dizendo “tento ser mais amiga do que mãe”. De qualquer forma, tenta impor limites, mas a situação acaba ficando confusa, pois a amiga estaria no mesmo nível de autoridade, portanto, como respeitar os limites que a mãe quer colocar.

Assim, T fica a critério de suas próprias vontades e desejos, se arriscando em cima do sofá, ou do portão.

Por fim, apesar de T ser uma criança muito ativa e elétrica, como a mãe o considera, querendo fazer parte de todas as atividades, tendo poucos limites na hora de brincar e se relacionar, ele é um garoto carinhoso, prestativo e com bons relacionamentos.

Caso 6: D é um menino feliz, pois o tempo todo mostra um sorriso no rosto. Inicialmente é tímido, mas quando está familiarizado com a situação e as pessoas, quer ser notado e ter atenção.

Gosta de andar de bicicleta, e outros brinquedos que ofereçam esta possibilidade de se locomover. Esta preferência do garoto foi comentada pelos pais e observada na escola.

Os pais são participantes do brincar do filho na medida do possível. A mãe, como fica em casa, diz ter mais tempo para dar atenção para o garoto. Ela gosta de brincar com ele, mas se começa brincar ele não quer mais que pare. Já o pai que trabalha fora, brinca com o filho na hora do almoço ou à noite. Ele sempre faz os filhos dormirem.

Os pais contam que D gosta muito que eles participem de seu brincar, solicitando-os sempre para isso e quando acontece é uma alegria, independente da brincadeira. Os pais valorizam essa situação e percebem a importância de permanecerem presentes no brincar do filho e, quando questionados sobre o que pensam sobre o brincar dizem achar importante, e que tal atividade faz parte do desenvolvimento, sendo melhor quando os pais podem estar juntos.

Observando este dado, nota-se que os pais de D são atentos ao comportamento de seus filhos, percebendo as alterações que acontecem com eles. Tal fato confirma-se com o relato dos pais terem notado que D está mais agressivo e relacionaram este comportamento do menino com a estadia de uma tia doente em casa, o que limita a atenção dos pais para o filho

Portanto, nesta criança fica evidente como o olhar dos pais é fundamental para o seu desenvolvimento e para a construção da sua personalidade, estando envolvido com a posição e postura dos pais. Às vezes, diz a mãe, ele é teimoso, quando acorda é dengoso, mas é uma criança ativa e que brinca bem.

D fala que brinca sozinho, mas o pai diz que ele brinca tanto sozinho como com outras crianças e isso pode, realmente ser observado na escola. Mas, a mãe acha que ele não interage tão bem assim, pois se está incluso na brincadeira, brinca, mas senão “fica enciumado”.

Ele brinca bastante com a irmã, apesar de também brigarem, mas o brincar acompanhado é mais animador quando acontece com os pais. D é muito vinculado aos pais, que além de andar de bicicleta, a sua brincadeira favorita é com os carrinhos, que vai consertá-los e, coincidentemente, ou não, seu pai é mecânico.

Caso 7: F é filho temporão de pais idosos, que tem duas filhas e três netos. Na escola ele não foi observado interagindo com as outras crianças, já na entrevista com os pais, ressaltaram que o menino gosta mais de brincar com outras crianças ou pessoas.

Os pais contaram da dificuldade de F quando começou a frequentar a escola, pois ele apanhava dos coleguinhas, não se defendia e chorava, não querendo ir mais à escola. Hoje, ele bate nas crianças maiores que ele, mas nas pequenas não. A mãe considera que o garoto está melhor na escola, “mas acha que o filho não tem maldade para lidar com as pessoas”.

Pensando neste fato, e na situação de F não se relacionar com as crianças na escola, levantamos a hipótese de que o garoto não brinca com os coleguinhas por ser maior que eles e temer que estes possam lhe bater, e ele não irá se defender e nem saberá lidar com isto. Portanto, fica de lado, na dele, brincando sozinho ou passeando pelo pátio.

Os pais dão uma liberdade para o filho, deixando-o fazer o que quiser, brincar como quiser, assistir TV o tanto que for. Parece não haver limites e regras na vida do menino. Se estas existirem, poderão ser abolidas quando o garoto bem entender, pois ele vence-os pelo cansaço. Os pais dão a resposta para tal fato, dizendo que são mais velhos, já têm netos, portanto, tendo mais paciência. Isto mostra que o garoto está sendo criado mais por avós do que pais.

O garoto está sempre à vontade e em alguns momentos realiza atividades que os pais se incomodam e precisam chamar a atenção. Estas são consideradas pelos pais como “arte”, e

são elas: apertar a campainha do vizinho e sair correndo, bater na bunda dos outros. Os pais não gostam que o filho tenha estas atitudes e estão sempre corrigindo.

Segundo os pais, F não brinca sozinho, ele espera ter amigos para brincar, ou algum adulto que possa dar-lhe atenção. Durante o dia, ele solicita o pai para brincar com ele e, quando a mãe está livre, fica atrás dela. Eles dizem que o filho gosta de se envolver com o que os pais fazem, tanto que ele está sempre junto dos pais na hora do trabalho, pois este é dentro de casa. Falam também que o menino fica ansioso quando permanece algum tempo sem criança para brincar, passando a comer mais e ficar muito tempo na TV. Tentam tirá-lo deste repertório, levando-o a um campinho para jogar bola.

Portanto, F é uma criança que em casa, depende de outras pessoas para brincar, não tem estímulos para fazer esta atividade sozinha, se acomodando no sofá em frente à TV, ou conversando com adultos.

Porém, na escola, ele brinca sozinho, apesar de brincar pouco. Nota-se que o garoto fica a critério do ambiente, se adaptando de maneira a ser agradável para si.

Em casa, o garoto mostra mais seu lado agressivo, não aceitando as provocações da irmã mais velha, que não mora mais com os pais, mas trabalha com eles. Ele responde para ela, fica “discutindo” e enfrentando-a. Também briga com as crianças que vai brincar com ele, por exemplo, os sobrinhos de F ou os vizinhos. Briga com eles porque não gosta de dividir seus brinquedos, o que está brincando é dele e não dá para ninguém. Com isso, não é sempre que tem crianças para ele brincar e, assim, F vai crescendo em um ambiente adulto, deixando de exercitar sua criatividade através do brincar.

Por fim, os pais definem o brincar como algo bom para a criança, que faz parte do desenvolvimento, mas que é bom quando é de bola, bicicleta, e não com computador, ou TV.

Caso 8: Z é um menino criativo, ativo e que tem um bom relacionamento com as crianças na escola. Os pais dizem que ele é amoroso, calmo e muito obediente, dizendo que não tem do que reclamar do filho.

Eles contam que em casa o garoto assiste mais TV do que brinca e que muitas vezes precisam insistir para o garoto sair da frente da televisão para ir brincar. O pai acha que ele não tem muitos amigos e por isso opta pela TV. Porém, na escola, Z pode ser observado brincando espontaneamente com outros garotos e de maneira agradável. Na escola também aparece esta preferência por brincadeiras de luta, na qual ele e seus amigos lutam uns com os

outros, rolam pelo chão, se escondem, e algumas vezes, sai briga. Mas, nesta brigas, Z fica bem, não chora, não reclama e obedece às ordens da professora que intervém. Ele não foi um garoto de poucos amigos pelo que pode ser observado.

Em casa, Z brinca com a cachorra e de escolinha (pega um caderno, fica escrevendo e desenhando). Na maioria das vezes assiste TV. A mãe considera que esta atividade é predominante porque ele não tem muitos amigos por perto, porque seu irmão mais velho não brinca com ele e por não poder sair na rua para brincar por ser pequeno. O que se nota é que a mãe, assim como o pai, pensa que não é possível brincar sozinho e, que o filho é fragilizado pelos seus pais por ser pequeno.

Eles dizem que Z é “filhinho de mamãe”, que “está na hora de desmamar”. A mãe conta que o filho foi muito apegado a ela, pois o amamentou até os 3 anos e quando começou a trabalhar se acostumou rápido. Segundo a mãe, tal fato reside ao garoto ter sido bem cuidado por boas babás. Mas hoje o menino chora toda vez que ela sai para o trabalho.

Z, segundo os pais, sente a ausência deles no dia a dia, já que permanecem pare do dia fora trabalhando. Eles se consideram ausentes na vida dos filhos. Mas dizem tentar compensar o tempo que estão fora e a diferença que perceberam fazer entre um filho e outro.

Os irmãos não se dão muito bem e não conseguem brincar juntos sem a interferência dos pais. Sem eles estão sempre brigando. O irmão mais velho tem que ceder muito às vontades de Z, tendo que deixá-lo ganhar nas brincadeiras ou dar o que está usando para o irmão caso este deseje. Os pais falam que até assistindo TV os dois brigam, pois Z quer o que o irmão quer.

Apesar de os pais não gostarem que Z assista tanta TV, ele assiste muitos filmes, desenhos, e quando assiste Power Rangers ele luta junto, portanto, utiliza esse momento para explorar suas capacidades, imaginações e brincar.

Pode-se perceber que Z é um garoto assistido por seus pais e que apesar deles não estarem o tempo todo em casa, estão atentos aos seus comportamentos. O garoto também é bem ligado aos pais, tanto que percebe e demonstra felicidade quando os vê juntos e bem, já pensando em deixar tudo mais bonito e feliz, conta a mãe.

Outro fato que evidencia esta situação de criança frágil e protegida é quando a mãe não quer colocá-lo na escola e o garoto insiste para ir, acordando uma semana mais cedo pedindo para ir à escola, até que foi atendido pela mãe. Hoje, está na escola, adora frequentá-la e quando não pode ir chora. Isto mostra como a escola é importante para o garoto. O que

pode ser pensando sobre este fato é que na escola Z tem com quem brincar, pode explorar mais suas capacidades, sem ter pessoas desacreditando do seu potencial. Parece que lá ele pode ser ele mesmo e tem mais opções do que fazer. Z é muito estudioso, gosta de fazer tarefas, de se esforçar nestas atividades e é admirado pelos pais por isto.

Para finalizar, os pais definem o brincar como uma diversão e distração, na qual as crianças “exercitam o cérebro” usando a imaginação, gastando tempo e energia. Eles acreditam que o brincar de cada criança vai de acordo com o brinquedo que ela gosta e se identifica.

Caso 9: C é uma menina levada, agressiva e com relacionamento interpessoal irregular. Em muitos momentos na escola ela foi observada agredindo seus amiguinhos, brincando de maneira violenta, como por exemplo, contanto estória ao mesmo tempo em que mordida e amassava o livro. Apesar de ter esta conduta mais agressiva, ela também mostrou em alguns momentos, um lado mais carinhoso e criativo, no qual brincava com as amiguinhas de tirar foto fazendo o barulho da máquina, chamando-as de filha. Isto demonstra que a garota tem alguma referência com cuidados, pois falava: “filha vem comer”, “não faz isso”. Porém, ela é uma criança que está sempre sendo repreendida pelas professoras.

A entrevista com a mãe não aconteceu, pois ela não atendia às ligações após o primeiro contato. Isto pode ser tomado como um dado, uma vez que, mostra como a mãe se comporta diante das questões referentes a filha, não dando importância e valor, preferindo deixar de lado e fugir de tal situação.

Caso 10: P é uma menina impulsiva, em alguns momentos se isola e em outros briga. Pode ser observada na escola brincando com algumas coleguinhas, mas quando frustrada, ela resmungava, gritava e ficava brava. Colocava-se em situações perigosas, como brincar no gira-gira de rodar forte, aparentando gostando de tal atividade, mas tem medo de cair.

Ao mesmo tempo em que P demonstrou este lado mais agressivo, ela também mostrou ser uma criança frágil, pois quando ia descer ou subir uma escada, correr, ela realizava tais movimentos com muito cuidado, parecendo ter receio de se machucar.

Também existiram as situações nas quais P se isolava das demais crianças, colocando-se em lugares afastados ou escondidos para não ser notada. Ficando quieta, apenas observando ao seu redor. Se alguém se aproximava, ela recuava.

A relação com os pais e a visão que estes têm da filha não pode ser analisada, uma vez que, não foi possível realizar a entrevista com eles por falta de acesso. Porém, isto pode ser considerado como um dado, no qual os pais demonstram não darem muita importância para a filha e o que se refere à ela, já que, não lembraram de informar a escola sobre a mudança de telefone.

Portanto, a análise pode ser feita apenas sobre os dados obtidos nas observações ficando ausente a percepção dos pais. O que há de mais marcante neste caso é o fato de P mostrar uma grande mudança da primeira visita para as últimas. Esta transformação consiste em diminuir o isolamento e interagir com as outras crianças. Ela que estava sempre quieta, distante das brincadeiras e atividades de seus coleguinhas, passou a interagir e de maneira impositiva, na qual ela quer mandar e quer ser correspondida, pois senão briga.

Por mais que agir com agressividade não seja tão interessante, neste caso, é uma evolução. Não se tem informação sobre o que pode ter influenciado tais mudanças, mas podemos considerá-las importantes e favoráveis ao desenvolvimento da menina.

4 DISCUSSÃO

Baseando se na análise dos casos podem ser levantadas algumas categorias para a discussão entre os casos e os grupos das crianças que brincam e o das crianças que não brincam que foram citados no método. As categorias serão expostas e debatidas uma a uma.

Brincar sozinho ou em grupo:

Esta era uma questão feita para os pais na qual pode ser observada que alguns se preocupavam com o fato dos filhos brincarem sozinhos, e outros admiravam tal atitude dos filhos.

Todas as crianças apresentaram ambas as maneiras de brincar. Algumas brincavam tanto em grupo quanto sozinhas na escola e em casa, outras sozinhas na escola e em grupo em casa e, ainda, o contrário, em grupo na escola e sozinhas em casa. Isto pode se derivar de vários fatores, seja o fato de não haver companhia em casa para brincar ou a dificuldade de se relacionar ou ainda maneira dos pais se posicionarem diante esta questão.

O fato é que as crianças brincam em grupo ou individualmente, porém esta maneira reflete como a criança age em seus relacionamentos. O brincar sozinho é importante, pois como diz Winnicott (1983) é a capacidade da criança de ficar só, que faz parte do desenvolvimento da criança, e é sinal de amadurecimento do desenvolvimento emocional. Porém, a criança que se priva de brincar com outras crianças, que está sempre isolada, necessita olhares especiais, pois algo pode estar acontecendo com ela e esta deixa de explorar suas pontecialidades de relacionamento.

A criança que brinca apenas na companhia de outras também é fonte de observação, uma vez que fica a critério de outras pessoas para se exercitar, criar, e desenvolver suas capacidades. Isto pode ser demonstrativo de uma criança insegura, que está sempre desconfiada e se sentindo incapaz de realizar atividades.

Neste trabalho, as crianças mostraram serem compensadas de alguma forma, pois aquelas que ficam sozinhas em casa, podem se relacionar na escola, e os que não se

relacionam bem na escola, podem ter experiências diferentes em casa. O que importa é que as crianças estão explorando as suas capacidades de se relacionar e estar no mundo.

Os pais estão atentos a isso, podendo perceber a maneira que os filhos agem no contato com o outro. Alguns pais se incomodam em ver o filho brincar sozinho, embora digam não ter outra opção, como no caso de J, outros ainda consideram seus filhos muito pequenos para frequentarem a casa de outras crianças para brincar. Mas, também existem aqueles pais que não vêem a situação do brincar sozinho como algo ruim e sim como algo criativo, caso de B.

Existem pais que não são muito atentos aos seus filhos, não sabendo se brincam sozinhos, ou mesmo como brincam, isto mostra como a criança é criada referente às questões de relacionamento, pois seus pais não se relacionam bem com os filhos.

Nesta categoria não houve divergência entre os dois grupos, pois todos os pais souberam responder como o filho brinca, mas alguns não opinaram a respeito, dizendo se acham bom ou ruim, ou mesmo o que pensam de tal fato. Talvez isso seja um fator que diferencie a maneira das crianças agirem, brincarem e se relacionarem. Os pais que opinam a respeito mostram maior preocupação, portanto, maior interferência na vida dos filhos, por exemplo, o caso de H, no qual a mãe leva o filho em parquinho e tenta conciliar a vida dela e do menino o tempo todo. Também no caso de B, no qual a mãe acha bonita atitude da filha de brincar sozinha, o que mantém a postura da filha quando não há outras pessoas para ela brincar; oposto ao caso de F, cujos pais não acham legal brincar sozinho e o filho não brinca sem a companhia de outras pessoas.

Portanto, verificamos que os pais têm muita influência sobre o comportamento de seus filhos, podendo fornecer interferências positivas ou negativas nas atitudes das crianças, contribuindo ou não com o desenvolvimento saudável de seu filho.

Participação dos pais:

Este é um aspecto que possui várias vertentes, pois a participação dos pais vai desde o brincar até ao castigo.

Praticamente todos os pais dizem serem solicitados pelos seus filhos para brincarem, mas realizam esta atividade apenas quando possível, ou seja, quando o trabalho, seja em casa

ou fora desta, não impõe barreiras. A mãe de M disse que seu filho não a chama para brincar, mas sim ao pai. Isto foi exposto na análise, onde se percebe que a mãe e o filho não têm um bom relacionamento.

Este foi o único caso, cuja entrevista com os pais mostra uma ausência do cuidado materno com o filho. Esta mãe diz que o filho quase não fica em casa, que não o vê brincar e, quando está em casa, ela não tem paciência com ele, os dois ficam brigando, pois a mãe chama atenção dele o tempo todo achando que ele vai fazer bagunça. Ou seja, ela priva o filho do seu carinho e também de se exercitar e brincar, pois tudo que a criança vai fazer deixa a mãe brava. Neste caso, o filho opta pelo pai, que não é tão presente na vida do garoto, pois ele viaja e tem o trabalho que acaba comprometendo a atenção que pode ser dada para o menino. O caso de M é o único caso deste trabalho em que notamos uma ausência total por parte da mãe no brincar do filho e parcial por parte do pai. Na vida deste menino há também uma não participação dos pais nos cuidados, pois pela manhã está na escola e a tarde com uma babá, estando com os pais apenas a noite o que deixa claro que a mãe não tem paciência para estar com o filho.

Com isso e as atitudes do garoto no dia a dia, fica evidente a falta que este olhar e dedicação dos pais fazem em sua vida, pois este foi um dos sujeitos do grupo das crianças que não brincam que possui agressividade, e que não tem um bom relacionamento com os amiguinhos.

Também tendo como dado o caso C, no qual a mãe não quis ser entrevistada, pode se levantar a hipótese de que é uma mãe que não participa muito da vida da filha. O trabalho prevalece em sua vida, limitando a atenção dada à menina e as questões que envolvam esta. C também é participante do grupo de crianças que não brincam.

Outra integrante deste grupo, P, a qual também não foi possível realizar a entrevista, pode-se pensar os pais como não participativos da vida da filha, pois o fato de não informar a escola sobre a mudança do número de telefone demonstra que estes pais não se importam com o que acontece nos ambientes freqüentados por ela e com ela.

Os outros dois casos deste grupo, os quais foram realizadas as entrevistas, casos F e T, os pais disseram brincar com os filhos quando possível, mas mostraram-se presentes no dia a

dia dos meninos, dando espaço para eles brincarem, incentivando a brincadeira, as quais muitas vezes não acontecem, seja por falta de companhia ou por falta de concentração.

Nestes dois casos, há uma questão sobre desempenho de papéis, no qual os pais em vez de serem pais ocupam um papel muito próximo de avós e amigos. Isto torna confusa a relação deles com seus filhos, o que acaba ficando sem limites e regras, e quando existem eles não respeitam. Os pais têm uma grande influência e responsabilidade na vida dos seus filhos, a atitude deles em relação à criança influencia nos seus sentimentos e pensamentos (BETTELHEIM, 1990), e se este papel de pais não é desempenhado, o referencial desta criança fica falho e confuso. Ela fica sem parâmetros do que pode ou não pode, ficando a critério de si solucionar e resolver questões para as quais ainda não possuem conhecimento e maturidade, e assim, vai se transformando em “adulto” antes da hora, querendo ter autoridade, mas não obediência.

Pode se pensar que esta característica destes dois casos está interferindo na maneira destas crianças serem, ou seja, não brincarem, serem agressivos em alguns momentos e não respeitarem os pais. Portanto, os pais têm que ficar atentos aos seus papéis e responsabilidades, colocando-as em prática sempre, pois isto contribui em como seus filhos serão no futuro, já que, como diz Winnicott “o comportamento do ambiente faz parte do próprio desenvolvimento pessoal do indivíduo, e, portanto, tem de ser incluído” (WINNICOTT, 1975, p.79).

Quanto ao grupo de crianças que brincam, os pais também disseram serem solicitados a brincarem com os filhos quando não tem outros afazeres, mas todos mostraram serem muito presentes e participativos na vida das crianças, e ressaltaram a importância do brincar e o espaço que oferecem aos filhos para realizarem tais atividades. Isso evidencia o que foi destacado no começo deste trabalho a respeito dos pais oferecerem um espaço para os filhos se descobrirem e se constituírem. O embasamento teórico para tal afirmação pauta-se na em Winnicott (1997) que “[...] há uma energia – um potencial de vir a ser – que pode ou não se realizar de acordo com abertura de espaço ou não do ambiente.” (WINNICOTT apud DIAS, 2004, p.11).

Os castigos, outra vertente desta categoria e outra forma de participação dos pais na vida de seus filhos, foram expostos explicitamente em apenas dois casos (H e D), mas todos

os pais demonstraram tentar, como no caso de F e T ou mesmo agirem de maneira a barrar seus filhos quando necessário. O castigo é uma ferramenta usada pelos pais para colocarem limites em seus filhos, e eles também são importantes, desde que haja motivos sólidos e justificados para tais atos. A criança deve ser informada do porque está sofrendo a punição e como pode fazer para corrigir seu erro e não cometê-lo mais. Pois, se isto não ocorre, a criança pode passar a se privar de muitas atividades por medo do castigo.

Normalmente, os castigos são aplicados nas crianças frente a situações que incomodam os pais, como no caso de H, que diante da “gracinha” feita por ele para a mãe, que não gosta destas atitudes, coloca-o isolado em um canto por uns cinco minutos para pensar. Este pensar significa rever o que se estava fazendo, o que estava errado, mas se isto não for mostrado para a criança, ela pode não entender o que está acontecendo, pois ela não tem ainda a mesma capacidade perceptiva que o adulto.

Às vezes, os pais utilizam o castigo por meio de chantagem propondo, por exemplo, “ou você almoça, ou não vai andar de bicicleta”, como no caso B, no qual a mãe usa este recurso para conseguir que sua filha a obedeça. Ou seja, os pais sempre tentando educar seus filhos e o castigo é uma das formas encontradas por eles para serem respeitados e entendidos.

Mas, este recurso deve ser usado com moderação para não se transformar em perseguição, o que pode ser observado no caso de M, no qual a mãe está sempre repreendendo seu filho, limitando suas atividades e causando desentendimento entre ela e o garoto. Ou também transformar-se em algo tolo, pois não tem efeito e constituem apenas ameaças, mas que não educam e podem até levar a enfrentamento, como no caso de T, no qual a mãe fala, mas ele finge que não ouve cujas conseqüências são nulas, e quando têm algum grau de interferência são confrontadas pela criança, pois esta não teme.

Esta questão do enfrentamento é outro aspecto que pode ser observado em dois casos do grupo de crianças que não brincam, caso T e M, nos quais os meninos enfrentam, principalmente a mãe quando é solicitado a fazer algo. Isto demonstra um desrespeito por parte das crianças e, provavelmente ocorre por não ter sido estabelecido este tipo de atitude e respeito pelos pais. No caso de M há uma má relação entre mãe e filho e, no caso de T a mãe diz tentar ser mais amiga do que mãe. Estes são fatores que com certeza influenciam neste

tipo de comportamento dos meninos. Por isso, pais estejam atentos em suas atitudes e de seus filhos, pois eles estão aprendendo com vocês a viver e se relacionar com o mundo.

Nesta categoria, houve divergência entre os dois grupos, percebe-se que o grupo de crianças que não brinca tem menor participação dos pais no brincar, no espaço que é dado para esta atividade e também na vida da criança. Não é o caso de T e F, pois nestes os pais são presentes. Já no grupo de crianças que brincam, todos os pais mostraram valorizar o brincar e incentivar esta atividade em seus filhos, oferecendo espaço e oportunidade e, desta forma, participando da vida das crianças.

Porém, estes pais falaram sobre trabalho, ou seja, a vida profissional. Esta limita a atenção que pode ser dada para as crianças, e isto é um aspecto que foi ressaltado em todos os casos, nos dois grupos. Portanto, a participação dos pais vai muito da vontade e organização destes, pois todos trabalham, seja em casa ou fora, alguns organizam seu tempo para participarem da vida de seus filhos, mas outros não.

Brincar:

Os pais foram questionados na entrevista a respeito de como veem o brincar. A maioria deles relacionou esta atividade com o desenvolvimento, dizendo que é uma etapa do desenvolvimento da criança. Mas, também relacionaram a outras possibilidades, por exemplo, os pais de Z disseram entender o brincar mais como diversão e distração na qual a criança gasta tempo e energia, exercitando o cérebro e usando a imaginação.

Os pais de J e B vêem o brincar como lazer, além de relacioná-lo com o desenvolvimento e aprendizagem. No caso de B, o pai acha que o brincar só é educativo quando é feito com esta finalidade e com brinquedos que levem a isso, por exemplo, ensinar a parar nas esquinas quando está andando de bicicleta ou brincar de lousa. Já a mãe de H acredita no brincar como um meio para observar seu filho, podendo ver como ele se comporta e se relaciona com outras crianças e segundo Winnicott “[...] o brincar é um importante fator de avaliação do desenvolvimento do sentimento do ser (self) da criança [...]” (WINNICOTT, 1975, p.81). Portanto, a mãe de H está utilizando uma ótima “ferramenta” para avaliar seu filho e ajudá-lo a se desenvolver.

Olhando estas afirmações, nota-se que os pais das crianças do grupo de crianças que brincam veem o brincar como várias possibilidades seja desenvolvimento, como para os pais de D e J, de aprendizagem para os de B, lazer para os de J e B, diversão para os de Z e observação para a mãe de H. Já para os pais do grupo de crianças que não brincam, dos que foram entrevistados, todos relacionaram o brincar como fazendo parte do desenvolvimento da criança, porém, estas crianças foram observadas brigando ou não realizando o brincar. Portanto, percebe-se que pensar não basta, é necessário agir. Os pais podem acreditar no brincar como algo que visa o desenvolvimento, mas se não oferecem o espaço e têm atitudes que viabilize o brincar, esta atividade não é colocada em prática, deixando assim, de contribuir para o bom desenvolvimento da criança. Pois, como descrito por Winnicott,

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”
(WINNICOTT, 1975, p.80).

Portanto, se a criança não brinca, a sua criatividade e personalidade podem ficar comprometidas. E isto realmente foi observado nesta amostra, nas quais as crianças do grupo que não brinca, mostram algumas dificuldades, seja para se relacionar ou para se concentrarem. Mais uma vez, evidencia-se a importância do brincar para a criança no seu desenvolvimento.

O brincar encontra alguns “concorrentes” no dia a dia da criança, são eles a televisão e as atividades extra-escolares. A maioria das crianças não possui atividades extra-escolares, apenas J faz balé e B fazia natação, mas quando realizada a entrevista tal atividade havia sido interrompida. Com os pais das outras crianças foi conversado a respeito destas atividades, mas alguns acharam seus filhos muito pequenos, como no caso de H e Z. Nenhum deles desconsiderou estas atividades como importantes e contribuintes para o desenvolvimento, dizendo que nas atividades extra-escolares as crianças gastam energia, se divertem e podem ser disciplinadas, no caso de T a mãe fala sobre querer colocar o filho no caratê. Parece que a mãe está buscando um recurso para auxiliá-la no que ela não consegue fazer com o menino.

Nestes casos, portanto, a atividade extra-escolar não é algo que preenche os espaços das crianças não permitindo que estas tenham tempo para brincar. Ao contrário, ela é vista pelos pais como algo no qual a criança pode se divertir, gastar energia, ou seja, praticamente uma brincadeira, com a diferença que esta é dirigida e existem algumas regras básicas, assim a criança não fica apenas a seu próprio critério para se exercitar, criar e imaginar.

Porém, isto não quer dizer que os pais não pensem em seus filhos como alguém que ainda não é, mas virá a ser, futuro adulto. É claro, que aqui, os pais, pelo menos a maioria deles, não tratam seus filhos como mini-adultos, exigindo que saibam e tenham conhecimento de tudo. Pois, estes reconhecem o limite de seus filhos e, dão respaldo para que eles cresçam. Mas a busca de uma boa educação e um bom desenvolvimento é evidente quando se pensa que todas estas crianças estudam em uma escola particular. Portanto, há sim uma preocupação com o futuro.

Quanto à televisão, os pais falaram que não gostam que seus filhos assistam TV, preferindo que estes brinquem. Os pais que não comentaram a respeito, pais de B, D, H e T, foram aqueles que não têm este tipo de problema com a criança, pois os filhos não gostam de assistir TV, ou se assistem é muito pouco.

J gosta muito de assistir TV, assim como F, Z e M. Os pais de M não comentaram nada a respeito do filho gostar de assistir TV, e isto acontece porque os pais não mostram preocupação com o menino. Agora, os pais de J, F e Z, dizem que insistem para seus filhos pararem de assistir TV e ir brincar, às vezes precisando tirar a criança da frente da TV levando-a para brincar no campinho, no caso de F, ou ir passear, no caso de Z. Portanto, nota-se que há um grande incômodo por parte dos pais em relação à televisão por mais possa ser usada como uma brincadeira. No caso de Z, por exemplo, enquanto o garoto assiste o Power Rangers, ele luta e se imagina como um deles.

Mas esse incômodo e preocupação dos pais com os filhos irem brincar ao invés de ficar na TV não são indevidos, pois como se sabe a televisão tem muita coisa ruim, programas impróprios e a criança fica sedentária, explorando pouca sua criatividade e capacidades de se exercitar. Por isso, os pais estão certos em ficarem atentos a esse comportamento e preferência dos filhos e tentarem contornar a situação.

Por fim, ainda falando do brincar, em dois casos foi feita referência aos brinquedos das crianças. O pai de B diz que o brincar só é educativo se utilizar brinquedos com essa função, como lousa e quebra-cabeça. Os pais de Z acreditam que o brincar de cada criança vai de acordo com o brinquedo que ela goste e se identifique. Interessante estas afirmações, pois o brinquedo, instrumento utilizado pela criança para brincar, nem sempre é associado com a criança e suas atividades, ele pode ser criado, não precisa existir necessariamente, pois uma criança pode fazer de um lápis um avião e se divertir muito com este. Mas como diz Arfouilloux “A criança que brinca experimenta-se e constrói-se através do brinquedo. Ela aprende a dominar a angústia, a conhecer seu corpo, a fazer representações do mundo exterior e mais tarde a agir sobre ele” (ARFOUILLLOUX, 1976, p.94). Portanto, os pais reconhecem que o brinquedo é importante no brincar de seus filhos e na maneira de desempenhar a atividade.

Pais e filhos:

Esta categoria tem por objetivo discutir como são os pais em relação aos filhos e vice-versa. Isto porque no material coletado nesta pesquisa pode-se perceber em alguns casos uma divergência no comportamento da criança frente aos pais e longe destes. Os casos que notamos estas divergências foram da J, do H, do F e do Z. J na escola brinca muito bem com as outras crianças, inclusive estava o tempo todo realizando brincadeiras com uma colega de sala, porém sua mãe afirma que a filha prefere brincar sozinha já que ela não tem muitos amigos. Aqui nota-se que a mãe tem uma visão da filha e generaliza esta ideia, pois a menina pode não ter amigos perto de casa, mas na escola ela tem e se relaciona muito bem, optando por brincar com outras crianças do que sozinha. Este também é o caso de Z, pois os pais também acham que seu filho não tem muitos amigos e por isso brinca sozinho. Mas na escola o garoto foi observado interagindo com outras crianças, e apegado a alguma delas, mostrando que tem amigos e não são poucos.

A hipótese que pode ser levantada aqui é de que há um desejo dos pais frente aos filhos de não se relacionem com outras pessoas a não ser eles, pois talvez eles sintam-se ameaçados a perder o carinho e atenção dos filhos. Desta forma a criança acaba se comportando diferentemente frente aos pais, deixando de brincar, ou brincando sozinha, e assim, se adequando a maneira de seus pais o perceberem.

No caso de F, o que se pode perceber foi que em casa o menino mostra seu lado agressivo, brigando com a irmã, sobrinhos e as demais crianças da vizinhança. Na escola ele é um garoto muito passivo, sempre se coloca de lado, não realiza muitas brincadeiras, fica mais andando e observando as outras crianças. Neste caso, o que pode estar interferindo na atitude do garoto é a presença dos pais, pois desta forma, ele sente que está protegido e que terá auxílio se precisar. Afirma-se isto, pois os pais contaram que o garoto não bate em crianças menores, não sabe se defender, talvez se os pais estivessem na escola, ele se sentiria mais seguro para se relacionar e caso houvesse algum problema teria os pais para protegê-lo. Portanto, aqui vemos que há uma forte necessidade de F sobre os pais para ele se defender e se relacionar.

Já no caso H, o que acontece é que na escola o menino brinca muito de lutinha com seus amigos, tanto que acaba se desentendo com estes quando acontece algo que ele não gosta na brincadeira. A mãe diz que não gosta que o filho brinque desta forma com ela, e quando questionada se ela observava esta brincadeira do garoto com outras crianças ela diz que não, considerando que com elas brinca mais tranquilamente. Portanto, percebe-se que diante da mãe, que não gosta desta atividade da criança e, provavelmente, reprime o menino quando ela acontece e ele não a realiza. Desta forma, o garoto modifica o seu jeito de ser e brincar perto da mãe para não ser repreendido.

Todos estes casos demonstram as expectativas que os pais constroem sobre seus filhos, na maneira de serem, se comportarem e, as crianças vão se adaptando a isso. Winnicott evidencia tal fato quando fala a respeito do potencial de vir a ser da criança, que existe desde o momento em que os pais começam a desejar e imaginar o filho, antes mesmo da concepção. Portanto, o potencial de vir a ser toda criança tem, mas se desenvolverá de acordo com a abertura de espaço que o ambiente oferecer, ou seja, que os pais permitirem.

As crianças também têm desejos e expectativas sobre seus pais, como por exemplo, F que espera que seus pais o proteja, é daí que surgem os pais super-heróis. Estas fantasias frente aos pais existem e fazem parte do desenvolvimento da criança, como também a dependência que os filhos têm sobre seus pais na infância. Esta pode ser notada na maneira das crianças agirem em algumas situações, como o exemplo de F que perto dos pais fica mais livre para se relacionar, também o caso do D que fica mais animado quando o brincar é acompanhado pelos pais. Isso são evidências de como os pais são importantes e fundamentais

na vida de seus filhos, pois eles dão sustentação, ensinam a viver e se relacionar. Os pais são o primeiro contato da criança com o mundo, portanto, são eles que oferecem a base para a construção do ser que acontece a cada dia, por isso deve se pensar no hoje também, e não só no amanhã, no vir a ser.

Para isto é necessário que os pais estejam atentos aos seus filhos, reconhecendo suas capacidades, dificuldades e limites, mas sem desmerecer o potencial que eles possuem. Pode ser observado em alguns casos que os pais desacreditam na capacidade de seus filhos seja para ir à escola, ou em atividades extra-escolares, ou ainda na casa de amiguinhos brincarem, dizendo que são muito pequenos. Isto foi mencionado no caso de H e de Z, na qual os pais mostram ter uma super proteção com os filhos. Portanto, nada deve ser em excesso e muito menos em falta, como no caso de M que há um descaso por parte da mãe em relação ao filho.

Esta situação da falta também pode ser pensada em relação aos limites, nos quais a falta de limites e regras podem levar as crianças a serem mais agressivas, rebeldes, ou mesmo o excesso de regras pode levar a isso, pois no caso de M, a mãe está o tempo todo colocando barreiras para o filho, que o leva a se relacionar de forma agressiva e implicante com as demais pessoas. E no caso de F e T na qual as regras são quebradas, ambos mostram ser desobedientes e em alguns momentos agressivos. Todas as crianças possuem agressividade, o que é comum, mas as crianças do grupo que não brincam demonstraram que esta característica é contínua no dia a dia e na maneira de se relacionarem, o que compromete boas relações e um bom desenvolvimento. Isto pode se derivar do fato destas crianças não terem um ambiente satisfatório e contribuinte.

O ambiente é essencial para os processos de desenvolvimento, portanto, ele deve ser bem estruturado, consistente e ir de acordo com a idade e necessidades de cada fase da criança, pois a criança que vive num ambiente adulto, por exemplo, pode pular algumas etapas fundamentais para seu desenvolvimento e isto acarretar problemas no futuro. No caso de F, pode-se perceber que o garoto vive em um ambiente muito adulto, e isto faz com que ele se interesse menos por brincar e realizar atividades compatíveis com a sua idade, optando por outras, por exemplo, conversar com os pais no trabalho. Isto faz com que o menino explore pouco sua criatividade e imaginação, as quais podem ficar comprometidas no futuro.

Por fim, conclui-se que a relação pais e filhos é indispensável para o desenvolvimento do ser humano, que ambos aprendem e crescem nesta relação seja os adultos aprendendo a ser pais e, os filhos aprendendo a ser criança, depois adultos, e assim sucessivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o lugar dos pais no brincar da criança, evidenciando as relações existentes entre pais e filhos e a interferência que esta relação tem na vida delas. Pode-se perceber que os pais e a posição deles diante seus filhos interferem na maneira que a criança se comporta, se relaciona e até mesmo no seu brincar, questão central desta pesquisa.

Atualmente, nota-se que os adultos estão todos envolvidos com a sua rotina, seus trabalhos, o que acaba limitando a atenção e o cuidado que os pais dispensam aos seus filhos. A vida profissional pode limitar essa troca de experiências entre pais e filhos, porém tal fato não impede que isto aconteça, pois os pais podem se organizar de modo a maximizar seu tempo para ter este contato que é fundamental para vida de seus filhos e que mostra ser um grande diferencial na maneira da criança ser e agir.

Quando o brincar acontece junto com os pais parece ser mais animador, podendo isto evidenciar como a posição dos pais frente a esta atividade, interfere no modo da criança percebê-la e utilizá-la. Mas, como citado acima, os pais não possuem tempo disponível para brincar com seus filhos e isto pode dificultar a relação estabelecida entre eles.

Porém, com esta pesquisa pode-se perceber que os pais não necessariamente precisam brincar com seus filhos para que estes brinquem, e assim, contribuam com um desenvolvimento melhor e mais saudável. Pois, o fato dos pais oferecerem espaço para que o brincar aconteça, já é uma grande fonte de diferença no brincar da criança. Esta fica mais livre, explora mais sua criatividade, imaginação podendo assim desenvolver melhor suas potencialidades e descobrir sua verdadeira personalidade.

Portanto, o lugar dos pais no brincar da criança é um lugar de saber, de valorização e, se estes não dão espaço para seus filhos realizarem tal atividade, percebe-se que a criança fica com seu desenvolvimento comprometido. Podendo se comportar de forma mais agressiva, não conseguindo estabelecer boas relações, deixando assim, de aproveitar e explorar as várias possibilidades e potencialidades que existem, o que Winnicott (1997) chama de potencial de vir a ser.

Com isso, ressalta-se, mais uma vez, a responsabilidade e a interferência que os pais têm no desenvolvimento, história e vida das crianças. Por isto que é essencial que os pais sejam pais, assumam este papel em suas vidas, com todas as obrigações e responsabilidades que são exigidos no desempenho deste papel. Pois, como pode ser observado neste trabalho, os pais que mostram ser e se comportar como amigos ou avós acabam dificultando a relação existente entre eles e seus filhos, os quais ficam confusos na maneira de agir e ser, tendo que fazer um esforço extra para se desenvolverem, uma vez que, os pais não oferecem um ambiente estável e resolvido para as crianças.

Por fim, nota-se que há muitas variáveis que interferem no brincar das crianças seja companhia, o brinquedo, a concentração, o local, e o foco desta pesquisa, o lugar dos pais. Este também sofre muitas interferências de outras variáveis que são elas, o trabalho, o dia a dia, problemas pessoais, entre outros que não foram explorados nesta pesquisa.

Portanto, consideramos relevante para próximas pesquisas um olhar focal nos pais, no qual possa observar e entender quais são estas variáveis e como elas modificam a postura deles.

Para finalizar, expõe-se esta colocação de Winnicott (1983), uma vez que ela resume bem o que foi discutido neste trabalho. “O ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial”.

BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, Arminda. *A criança e seus jogos*. Arminda Aberastury, trad. De Marialzira Perestrello. Porto Alegre, 1992. Ed. Artes Médicas.

ARFOUILLOUX, J.C. *A entrevista com a criança*. J.C.Arfoioux, trad. de Analucia T. Ribeiro. Rio de Janeiro, 1976. Ed. Zahar– Cap.3 (p.93 a 94).

BETTELHEIM, Bruno. *Uma vida para seu filho*. Bruno Bettelheim, trad. De Maura Sardinha e Maria Helena Geordane. São Paulo, 1990. Ed. Campus – Cap.14 (p.164 a 179).

BOSCATE, Isabela de Cássia Alexandre. *A creche e o brincar: o que os profissionais de educação infantil falam sobre o brincar*. São Paulo, 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DIAS, Elizabete Nogueira de Moraes. *O Brincar na relação mãe-bebê*. São Paulo, 2004. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia Pontifícia Universidade Católica.

DITOLVO, Érica Sitrângulo. *TVendo Brincar: A Expressão da Subjetividade na Criança Contemporânea*. São Paulo, 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PETRIC, Tamara Pires de Melo. *Brincando e trançando as realidades*. São Paulo, 2005. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

POLETTTO, Raquel Conte. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 1, abr. 2005. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2008. doi: 10.1590/S1413-73722005000100009.

ROSENBERG, Ana Maria Sigal de. *O lugar dos pais na psicanálise de crianças/Ana Maria Sigal Rosenberg*. – São Paulo, 1994. Editora Escuta

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, 1975. Ed. Imago.

WNNICOTT, D.W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre, 1983. Artes Médicas.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO

Eu,.....
portadora do R.G. nºcoordenadora pedagógica do ensino infantil do Colégio Coração Imaculado De Maria – COC Sistema de Ensino, localizado na Praça Marechal Deodoro da Fonseca, 161, Centro, José Bonifácio, declaro estar ciente dos objetivos da pesquisa que está sendo desenvolvida pela aluna Tauany Maldonado Orsi, portadora do R.G. nº 43.718.650-7, como atividade acadêmica para o Trabalho de Conclusão de Curso, da Faculdade de Psicologia da PUC-SP.

Autorizo a observação e registro de dados pela aluna-pesquisadora, para fins de ensino e pesquisa. Autorizo também a publicação deste material nos meios acadêmicos e científicos e estou ciente de que serão removidos ou modificados dados que permitam identificações.

Estou ciente, ainda, de que poderei ter acesso aos resultados de referida pesquisa, bem como encerrar a colaboração da escola a qualquer momento que julgue necessário.

São Paulo, 27 de Fevereiro de 2009

.....
Coordenadora Pedagógica do Ensino Infantil

.....
Diretora do Colégio Coração Imaculado de Maria

Aluna- pesquisadora:

.....
Tauany Maldonado Orsi

Testemunhas:

.....
Orientadora – Célia Terra

TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS

O Colégio Coração Imaculado de Maria em parceria com a aluna Tauany Maldonado Orsi estudante de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), vem por meio deste pedir a autorização dos senhores pais para a colaboração de seu filho, estudante da educação infantil, e posteriormente, de vocês pais, com a pesquisa da referida aluna para seu Trabalho de Conclusão de Curso.

A pesquisa consta em observação de seu filho em suas atividades escolares, e posteriormente uma entrevista com os senhores pais. Isto será feito apenas para obter dados, portanto, não será feito nenhum tipo de avaliação, análise ou mesmo julgamento dos senhores e de seus filhos.

Desde já agradecemos sua compreensão e colaboração. Obrigada.

Declaramos estar ciente dos objetivos da pesquisa que está sendo desenvolvida pela aluna Tauany Maldonado Orsi, portadora do R.G. nº 43.718.650-7, como atividade acadêmica para o Trabalho de Conclusão de Curso, da Faculdade de Psicologia da PUC-SP.

Autorizamos a observação e registro de dados pela aluna-pesquisadora, para fins de ensino e pesquisa. Autorizamos também a publicação deste material nos meios acadêmicos e científicos e estamos cientes de que serão removidos ou modificados dados que permitam identificações.

Estamos cientes, ainda, de que poderemos ter acesso aos resultados de referida pesquisa, bem como encerrar a nossa participação a qualquer momento que julgue necessário.

São Paulo, 27 de Fevereiro de 2009.

.....
Mãe

.....
Coordenadora Pedagógica do Ensino Infantil

.....
Pai

.....
Diretora do Colégio Coração Imaculado de Maria

.....
Tauany Maldonado Orsi

QUESTIONÁRIO PARA A ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA:

Como ele brinca?

Brinca sozinho ou sempre com outras crianças? Como vocês vêem isso?

Solicita vocês para realizarem e participarem de suas brincadeiras?

Quais são suas brincadeiras preferidas?

Vocês participam delas?

E quais as brincadeiras que incomodam vocês?

Como vocês lidam com a questão de quando ele não quer parar de brincar?

Vocês colocam hora pra ele brincar?

Como é o dia-dia da criança?

O que vocês acham desta rotina estabelecida para seu filho?

Como vocês vêem esta atividade conhecida como brincar? (Lazer, desenvolvimento, diversão, entre outros). Explique um pouco mais.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Caso 1 – B: 3 anos

Pais: F e J

Observação na escola:

Nas visitas feitas a escola observou-se B brincando espontaneamente no horário do intervalo. Brincava com outras crianças, sozinha, divertia-se na areia. Parava de brincar apenas para comer o lanche. Dava-se bem com todos, em especial com uma garotinha da sua sala. As duas andavam juntas, brincaram de amarelinha, bambolê e na areia.

Entrevista com os Pais:

Os pais iniciam falando que B brinca sozinha, às vezes, com as irmãs. Quando não interessa a brincadeira das irmãs, ela brinca sozinha. Não assiste muita T.V.

A mãe diz que acha bonito a filha brincar sozinha, que a vê montar a casinha, tudo bonitinho. Mas a garota não gosta muito de brincar sozinha. Ela brinca bem até ficar cansada. Tardzinha a noite ela já está cansada porque faz atividade o dia todo.

A filha chama os pais, solicitam para brincar com ela, porém é difícil eles brincarem. Mas mesmo assim ela é persistente, insiste para que eles façam as coisas com ela. O pai conta que quando ele vai caminhar, ela quer ir junto para andar de bicicleta, normalmente o pai deixa. Também o acompanha em algum dos seus afazeres do dia a dia.

A menina costuma ficar no período da tarde na casa da avó, que é muito atenciosa e brinca com ela quando é solicitada.

A brincadeira preferida de B é boneca, leva para todos os lugares, dá mama para o filhinho, a mãe acha que o fato dela ter um irmão pequeno (bebê), que demanda este tipo de cuidado, ela acaba querendo estar com um filhinho também o tempo todo. Gosta também de brincar com bicicleta e patinete. A mãe diz que ela adora andar de bicicleta. Imita as irmãs em suas brincadeiras.

Quando a filha está em casa, deixam a brincar até esgotar. Já quando está em época de aula, B tem hora certa para dormir. Não tem hora para brincar, só quando as crianças têm

outros afazeres colocam limite para a brincadeira, mas no caso de B que é pequena, os afazeres é comer, tomar banho que são situações que ela não exita muito na hora de fazer. Quando ela não quer fazer o que a mãe está mandando, por exemplo, ir almoçar, a mãe fala que faz chantagem, dizendo que ela só vai poder andar de bicicleta se for comer.

O dia a dia da garota implica em levantar, tomar mamadeira, brincar (procura com que brincar), toma mamadeira de novo, vai à casa da avó, ou das amiguinhas, natação (no momento ela parou, mas ela adora e quer voltar). Isso na época de férias. Quando está em aula, ela vai para escola de manhã, volta, almoça, dorme, acorda e vai brincar com as irmãs, toma banho, janta, brinca mais um pouco, toma mamadeira e dorme. A mamadeira é uma coisa que ela não abre mão.

A mãe diz que a filha tem bastante tempo para brincar, que ela aproveita bem este tempo e, que gosta de todas as atividades que é dada para ela. Às vezes brinca de estar fazendo tarefa, porque ainda não há esta exigência da escola pra ela, mas para suas irmãs que são mais velhas sim, então quer imitá-las.

A mãe quando questionada sobre como vê o brincar diz que o entende como um aprendizado divertido, no qual a criança aprende sem obrigação.

Já o pai diz que depende de como você brinca, se é lousa, quebra-cabeça, ele acredita que é educativo, mas andar de bicicleta, brincar no intervalo da escola já entende como lazer. Mas afirma que às vezes nestas atividades que considera como de lazer, podem ser ensinadas algumas coisas, como por exemplo, parar nas esquinas.

Para finalizar a mãe afirma que é ausente no brincar das filhas, mas que dá espaço para elas brincarem. Atualmente tem ficado mais em casa, portanto tem melhorado na participação das atividades delas. Conta que quando está em casa as filhas ficam em cima, cobrando para que ela brinque, e diz que as vezes dá, mas não é sempre, pois tem vezes que tem outras coisas.

Também narra que algumas vezes precisa interferir no brincar de B com as irmãs, porque muitas vezes estas não querem brincar com ela, então a mãe precisa pedir para as irmãs deixarem que ela brinque, ou mesmo dar atenção para B, para que esta não brigue com as irmãs.

Caso 2: J – 5 anos.

Pais: F e S

Observação na escola:

J estava sempre em companhia de uma amiguinha. As duas juntas brincavam muito bem realizando diversas brincadeiras. Ora estavam brincando com um bambolê, ora pulando amarelinhas, em alguns momentos estavam brincando na areia, ou com bonecas. J parece se dar muito bem com todas as crianças, apesar de ter a preferência por esta colega de sala.

Entrevista com os Pais:

A mãe inicia contando que J gosta de brincar sozinha, gosta de ser mãe das bonecas, de ser professora, fazer de conta que vai sair para trabalhar, e diz que ela quer imitar os adultos em suas brincadeiras. Às vezes pega o fogãozinho dela e as coisas de cozinha e vai “cozinhar” do lado da avó, ou da mãe.

Ela brinca muito sozinha e não aceita dividir suas coisas com os outros, com outras crianças. A mãe acha que é pelo fato de ficar com os avós e não se relacionar com mais crianças, e que com isso ela tem uma boa desenvoltura com adultos, que ela gosta de conversar com estes. Diz também que não gosta que ela brinque sozinha, mas que não tem muita opção, acha que atrapalha a menina brincar e ficar só com adulto.

Falam também que J solicita eles para brincar e que quando estão com tempo brincam, e que o pai acaba brincando menos.

As brincadeiras que ela prefere são: pintar, jogar vídeo-game, jogo da memória, brincar de escolinha, Barbie. A mãe diz que ela gosta muito de desenhar, pintar e que ela anda o dia todo com tesoura, caderno e lápis para cima e para baixo.

Consideram a filha curiosa, pois quer saber de tudo, o porquê das coisas. Também acham a filha muito obediente, pois ela pede para brincar, diz que J fala “posso brincar disso?”, e que às vezes são coisas perigosas que a mãe não deixa.

Quanto às questões da escola a mãe diz que eles são bem presentes, que incentivam a garota participar de todas as atividades da escola.

A mãe narra também que J gosta muito de assistir televisão, que muitas vezes pede para a filha parar de assistir T.V. e ir brincar, e que algumas vezes é atendida, em outras não. Fala também que uma brincadeira da filha que a incomoda é correr muito. Quando ela brinca com os primos (meninos) fica mais agitada e a mãe não gosta. Também não gosta pelo fato da filha ser muito chorona.

Quando os pais querem que J faça alguma coisa e pare de brincar e, ela não quer, estes tentam conversar, ela não aceita, então eles impõem, aí J chora. Falam que isto acontece mais a noite, na hora de dormir. (Hora que os pais estão em casa).

O dia a dia de J é levantar, ir para a escola, almoçar, fazer tarefa para depois assistir televisão, às vezes dorme, brinca, assiste T.V., toma banho, janta, brinca, dorme.

A mãe conta que não coloca hora para a filha fazer tarefa e nem brincar, ela que escolhe. Diz que J está se soltando mais, que ela não tem muitos amiguinhos, mais primos (meninos) ou crianças menores.

J tem atividades extracurriculares, balé de quarta e sexta-feira. A mãe gosta que ela faça, porque diz que a filha é muito ativa e, que o balé é uma diversão e incentiva. Também diz que preferiria que a filha brincasse mais do que assiste televisão. Fala que faz tudo pela filha, e que esta é muito fuçada em jogos.

Sobre a questão de como vêm o brincar dizem que é lazer, que faz parte do desenvolvimento, que é uma etapa deste, e que ajuda a ter mais imaginação, criatividade.

(O pai falou muito pouco, quando falava era concordando com a mãe).

Caso 3: M – 3 anos

Pais: V e M

Observação na escola:

M pareceu uma criança mimada. Na maioria das vezes estava implicando com algum amiguinho, não querendo repartir o brinquedo e brincar junto. Alguém estava andando de motoca, ele ia reclamar para professora dizendo que ele queria andar. Esta algumas vezes

solicitava a divisão dos brinquedos em outras horas dizia para ele deixar de ser chato. Quando não estava brincando implicando, ele estava passeando pelo pátio, não se fixava em nenhuma brincadeira, mas sim ficava andando pelas brincadeiras dos amigos.

Entrevista com os Pais:

A mãe conta que M gosta de brincar com bicicleta e com terra. Gosta de atividades que envolvam mais movimento, pois dar um brinquedo para ele sentar e ficar brincando ele não fica, diz a mãe.

Ela também fala que quase não vê o filho brincar, pois ele não fica em casa. Conta sobre a rotina dele dizendo que de manhã ele vai para escola, quando está de férias fica atrás do pai, querendo ir a todos os lugares que este vai. Quando fica em casa de manhã assiste T.V. Almoça, e a tarde vai para a casa da babá. Lá ele brinca, dorme, passa o dia, depois os pais o buscam, ele toma banho, janta e, brinca com o pai até a hora de dormir. O garoto dorme tarde e acorda cedo, algumas vezes acorda no meio da noite para mamar, mas não é sempre.

A mãe diz que o pai tem bastante paciência, deixando o filho fazer o que quer e, brinca com ele, e que acha que por tudo isso o filho pede sempre pelo pai.

Ela considera seu filho agitado, diz que ele “não pára quieto”, que procura sempre os lugares perigosos para ir.

Mais uma vez evidencia o apego do menino com o pai dizendo que o filho pergunta pelo pai dizendo “cadê meio fiotinho?”. Fala que este apego é pelo fato do pai fazer tudo o que ele quer, ser muito liberal. Diz que ele está sempre comprando brinquedo para o filho e, que ela questiona estes investimentos, que não acha correto o menino ter tudo, não saber valorizar o que já tem e querer sempre mais. Ela se considera como impositiva, dizendo que impõe as coisas para o garotinho fazer, como tomar banho e comer.

M não gosta de brincar sozinho, no máximo cinco minutos, sempre quer outras pessoas envolvidas em suas atividades, solicita isso, pedindo para o pai ou qualquer outra pessoa para brincar com ele. A mãe diz que ela M não chama.

Ela fala que não tem paciência com o filho, que acha ele hiperativo e que tem medo dele fazer arte, ficando brava com ele. O garoto entra no esquema da mãe, brigando com ela

também, dando escândalo para as pessoas ouvirem e, ela comenta isso dizendo que ele é “sem-vergonha”. Já o pai ele obedece e chora quando este fica bravo com ele.

Incomoda-a o fato do filho querer entrar em casa com a bicicleta e ficar passando em cima de tudo e dos outros e, o fato dele deixar as coisas espalhadas. O pai fala que não se incomoda com estes tipos de coisas.

Para a mãe a escola ajudou M, pois acha que agora ele está mais tranqüilo, que ele melhorou seu comportamento. Mas em casa ele ainda dá trabalho e, ela acha que isso é por causa de não ter espaço para criança poder brincar. Pois, na casa da babá tem espaço, um quintal grande, de terra, onde ele brinca com outras crianças e fica bem.

As brincadeiras preferidas de M são: andar de bicicleta, jogar bola, brincar com terra. A mãe diz que o menino quebra seus brinquedos e fala que ficaram mais bonitos e continua brincando com eles, mas quer outros também.

Em situações nas quais M não quer cumprir o pedido da mãe, pois o do pai ele obedece, ele faz birra, chora, se joga no chão e acaba vencendo-a pelo cansaço.

Os pais não colocam hora para o menino brincar e acha o dia a dia dele bom, pois brinca a tarde inteira.

V considera o brincar como desenvolvimento, e que em cada etapa o brincar é diferente. O pai concorda com a mãe, dizendo que também acha que é desenvolvimento.

Caso 4: H – 4 anos e meio

Pais: M e F

Observação na escola:

H interage com outras crianças, mas a situação não fica tranqüila por muito tempo, pois brincam de lutinha e acabam se machucando. H não aceita as brincadeiras quando são com ele, portanto, quando na brincadeira de luta ele leva um golpe, ele briga, e vai pra cima do amiguinho de forma bem violenta. Gosta de se arriscar nas brincadeiras, subindo no gira-

gira, e quando cai, vai brigar com os colegas. Emburra-se, mostra-se bem nervoso, jogando os brinquedos e esperneando frente à interferência da professora.

Entrevista com os Pais:

H brinca sozinho, mas pede para que brinque com ele. A mãe ou o pai brincam, mas se estes não podem ele resmunga um pouco e acaba brincando sozinho. A mãe acha que não é bom a criança brincar sozinho, dizendo que sempre que possível leva o filho para brincar no parquinho, com outros amiguinhos ou vizinhos.

Suas brincadeiras preferidas são desenhar, contar estória, assistir filmes. Gosta de jogar bola com o pai e brincar com os carrinhos que tem. A mãe diz que sempre que possível o pai brinca com ele de bola. O momento no qual os pais podem acompanhar mais o filho é a noite, e que acaba não dando tempo, porém, mesmo assim, estão olhando como ele brinca.

O dia a dia do menino é composto por ir para a escola de manhã, voltar para a casa com a mãe para almoçar, às vezes o pai também está junto, brinca um pouco, depois dorme, toma banho, brinca mais um pouco, janta e dorme. Durante a época de aula, ele dorme no máximo às 22 horas, já nas férias acaba indo dormir um pouco mais tarde.

A mãe diz que normalmente não coloca hora para ele brincar, só na hora de dormir, que acaba tendo que fazê-lo parar de brincar para ir dormir. E que não deixa ele dormir à tarde quando já está próxima a noite. Durante a tarde H fica com uma babá em casa.

H gosta muito de brincar de luta e, a mãe não gosta deste tipo de brincadeira com ela, porque pode machucar. Diz que nunca observou este tipo de brincadeira com outras crianças, que ela percebeu que com outras crianças as brincadeiras são mais tranquilas, por exemplo, brincar de bola, carrinho.

A mãe conta que sempre conversam com ele quando tem que parar de brincar para fazer alguma outra coisa e, que neste aspecto ele é obediente, dizendo que é difícil ele não querer parar de brincar. Mas, quando se trata de “gracinhas”, ele não pára quando a mãe pede e, ela acaba colocando-o de castigo para pensar, uns 5/10 minutos.

A mãe considera o dia a dia do filho puxado, pois acha ele pequeno, pela idade que tem. Gostaria que ele estudasse à tarde, mas o horário dela não contribui para isto. Acha que para o filho seria melhor.

A mãe conta que H fala muito de amigo imaginário, mas que nunca percebeu que ele tenha um, acha que ele fala isso porque já assistiu filmes que trata sobre este assunto.

Ela considera o brincar muito importante, porque através dele consegue ver como o filho se comporta e como lida com outras crianças.

Quanto a atividades extracurriculares acha que estas ajudam no desenvolvimento, a gastar energia, porém que é muito para ele.

Por fim, fala que o trabalho limita um pouco a atenção que eles (pais) podem dar para o filho.

Caso 5: T – 4 anos e meio

Pais: T e T

Obs. :O pai não estava presente no momento da entrevista, mas o garoto estava.

Observação na escola:

T brincava com outras crianças, às vezes, de maneira a atrapalhar a brincadeira. Pode ser observado travando o gira-gira, jogando areia em seus amiguinhos, segurando outros. Mas, em alguns momentos, nota-se ele sentado na areia brincando tranquilamente com baldinhos ajudando outros amigos. Também observou T fazendo carinho em uma amiguinha e ajudando as professoras em seus afazeres, no caso, colar bandeirinhas para a festa junina.

Entrevista com os Pais:

Faz muita arte, não fica mais que quinze minutos entretido com um brinquedo, TV só o desenho do pica-pau assiste todo dia, e mesmo assim, não assiste o tempo inteiro. Não gosta de brincar sozinho. Há uma sala cheia de brinquedo na casa, onde T brinca com a irmã. A mãe conta também que o filho tem ciúmes que outras crianças brinquem com a irmã dele.

“Fase difícil, conversar com ele, ele não escuta, só quando dá umas palmadas” . A mãe acha que ele é meio hiperativo, pois não se concentra em nada, ele realiza muitas atividades ao mesmo tempo, não se fixando em nenhuma. Ele mostra um desejo de querer participar de todas as brincadeiras ao mesmo tempo.

“Meu pai bate em mim” – diz T sobre seu pai e, a mãe completa, “quando você faz arte ele bate”.

A mãe o considera muito teimoso, conta que ele sobe no portão, pai fica bravo, tira ele de lá, ele pega e sobe de novo. Ela pensa em levá-lo em uma psicóloga, pois não sabe como é esta situação dele brincar, se ele brinca sozinho, porque ele não se fixa, não se concentra em uma brincadeira, em nada. Diz que o filho passa o dia inteiro correndo, que ele está sempre elétrico, em atividade, ele completa “jogando bola”. A mãe continua dizendo que ele tem muito pique, e que ela cansa porque ele faz muita coisa, chama os pais para brincar e, que normalmente na medida do possível eles atendem. Por ela ficar em casa acaba dando mais atenção, mas o tempo que tem para eles é maior no final da tarde, durante o dia eles ficam com a babá que brinca o tempo todo com eles. Conta que ela e seu marido têm muita paciência com os filhos.

T gosta de ir ao sítio, ele tem um pônei, anda a cavalo, mas este passeio acontece somente de fim de semana, de meio de semana é difícil.

A mãe fala que o filho passa o tempo inteiro fazendo arte e brincando, ou seja, que ele junta o útil ao agradável. Diz também já ter procurado ajuda a médicos sobre a “hiperatividade” do filho.

Neste momento a mãe interrompe a entrevista, pois o filho estava fazendo bagunça, ele faz birra e a enfrenta, ela pede, por favor, para ele parar.

Quando retorna pergunto sobre as brincadeiras preferidas, e ela diz que tendo um pedaço de corda ele adora, pois amarra a porta e o “cavalo”, que gosta de andar de bicicleta, e que todos os dias ela senta lá fora (varanda) para ele andar de bicicleta, patinete, motoquinha.

As brincadeiras que a incomodam são as que envolvem a atenção dela em momentos que ela está conversando, ou com alguns afazeres e isto a atrapalha. Ela tenta corrigi-lo e

ensiná-lo da melhor maneira possível, mas ainda assim ele continua, e ela se questiona onde estará errada.

Na hora de parar de brincar para tomar banho ou comer, ela chama e ele fica enrolando, ela diz tentar todos os diálogos possíveis, grita, chama atenção, a última coisa é bater, mas às vezes acontece. Comenta que o marido diz que ela fala demais e, que com o pai o filho respeita mais. Acredita que é pelo fato do pai ficar pouco em casa e ter medo deste bater, ou talvez, porque ela pega muito no pé mesmo.

Mais uma vez a mãe fala que o filho fica o tempo inteiro aprontando. Conta que o garoto vai de manhã para a escola, quando chega ele almoça, faz tarefa, brinca a vontade até as 18 horas que é quando toma banho, e também começa o pica-pau que ele gosta de assistir. Já janta, às vezes brinca mais um pouco e dorme. Por volta das 20 horas já está dormindo. A mãe fala que ele não dá trabalho para dormir, que dorme assistindo TV ou deita no quarto e dorme. Ambos os filhos dormem no quarto dos pais, e a justificativa da mãe para tal fato é que tem medo de deixá-los dormirem sozinhos e não ouvi-los se eles precisarem.

A mãe acha a rotina do filho boa, mas gostaria de colocá-lo no caratê, pois seria mais uma atividade para o filho que é muito ativo e elétrico e, pensa que o garoto sente falta de mais atividades. Gostaria que ele gastasse mais energia e participasse de atividades que ele poderia se disciplinar.

Ela acredita também que o filho é mais ativo em casa por causa da filha, que ele não implica com ela, pelo contrário, a protege, às vezes, até demais, diz a mãe que não gosta.

Ela complementa a entrevista dizendo que acompanha bem de perto o filho na escola, que tenta fazê-lo participar de todos os eventos, pois não teve isso quando era criança, este apoio da mãe e sente falta. Diz “tento fazer tudo para o melhor dele, o desenvolvimento”. Quando o menino machuca pensa onde ela errou. Se questiona se faz certo ou não, às vezes dá uma palmada e fica em dúvida. Diz “tento ser mais amiga do que mãe”, pois senta para brincar, participar, ser presente, mas também coloca limites, senão acha que pode tudo.

Acha interessante o filho ter contato com crianças deficientes, pois é importante para o desenvolvimento e crescimento (a escola na qual o garoto estuda tem muitos casos de inclusão). O filho se relaciona bem com outras crianças, nunca teve problema com amizade,

hoje em dia não brinca durante a tarde com amiguinhos da escola porque é muito novo. Define o filho como amigo de todo mundo, pois se dá bem com todos.

Por fim, responde que para ela o brincar é essencial na vida das crianças, porque tudo passa e, esta atividade é importante para a vida, se tirar vai fazer falta. Portanto, o brincar seria uma etapa do desenvolvimento.

Caso 6: D – 3 anos

Pais: M e A

Obs.:A criança também estava presente na entrevista.

Observação na escola:

D brinca uma grande parte do intervalo com a motoca, fica andando com ela por todo o pátio, deixa que outras crianças o empurrem e também divide o brinquedo com os amiguinhos quando a professora pede. Pode observar que ele se diverte e brinca sozinho ou em grupo. Brincadeiras como pega-pega, rodar no gira-gira, brincar na areia, escorregador foram realizadas por ele. Em alguns momentos esse se arriscava, como por exemplo, ficando em pé no gira-gira, ou mesmo ficava super passivo, deitando no escorregador.

Entrevista com os Pais:

Gosta muito de bicicleta, motoca, montar pecinhas e brincar de carrinho. Ele se concentra nas brincadeiras.

“Eu brinco sozinho”, diz o menino. O pai completa, brinca sozinho, com a mãe, com a irmã. Conta que o filho briga com a irmã, fica reclamando dela, mas que não é sempre, “hoje mesmo brincaram o dia todo”, diz o pai.

A mãe fala que gosta de brincar com o filho quando tem tempo e que se ela sentar para brincar com ele, ele quer que brinque o dia todo.

Ele brinca com outras crianças se tiver incluso na brincadeira, senão ele fica enciumado. Durante as férias teve pouco contato com os amiguinhos da escola, foram alguns em sua casa, mas a mãe acha que ele brinca pouco com estas crianças.

As brincadeiras preferidas dele são quando os pais estão juntos brincando, pois ele adora, pode ser qualquer brincadeira. Ele gosta muito de brincar de carrinho, fazer de conta que vai consertar os carrinhos, trocar as rodas (o pai dele é mecânico).

Durante a semana o pai brinca um pouquinho com ele na hora do almoço ou à noite, já a mãe que fica em casa dá um pouco mais de atenção, por ter mais tempo.

As brincadeiras que incomodam os pais são aquelas que D faz para aparecer e chamar a atenção, como: passar de bicicleta em cima do pé das pessoas. Diz que a irmã do garoto também faz isso e eles não gostam.

Quando D tem que parar de brincar para fazer alguma outra coisa à mãe fala que tem que chamar mais de uma vez, e mesmo assim, às vezes, ele não obedece, precisando colocá-lo de castigo, o colocam sentado por um tempo. A mãe afirma que o menino é “teimosinho”.

Os pais contam que o garoto brinca de manhã quando não vai para a escola e depois do almoço. D anda de bicicleta e motoca dentro de casa e dizem que ele brinca bem.

A rotina do garoto consiste em acordar às 7hs, toma mamadeira e vai para a escola. Quando não, já acorda com a bicicleta, a mãe diz que o filho não é de assistir televisão. Quando volta da escola almoça, brinca mais um pouco, depois a mãe dá um banho e ele dorme por umas duas horas e meia. Levanta brinca mais um pouco, logo que acorda a mãe pega ele no colo, pois acorda manhoso. A irmã chega da escola à tarde e vai assistir TV, ele brinca com ela, mas não gosta de ficar na frente da televisão. Toma outro banho lá pelas 18hs, janta por volta das 19:30hs, nestes intervalos ele sempre está brincando. Logo depois da janta ele dorme, o pai faz ele dormir no quarto do filho, e a irmã no dela.

A mãe acredita que a escola faz bem para ele. Nas férias sente falta dos amiguinhos, apesar de pedir pouco para voltar para as aulas. Ela acha que o filho sente falta nas férias de espaço, parquinho para brincar. Quando ele vai à escola o dia passa rápido.

A mãe considera o filho comportado, porém afirma que ultimamente ele está meio rebelde. Ela acredita que isto acontece devido algumas mudanças que tiveram na casa, a presença de uma tia que fez uma cirurgia e estava precisando de auxílio. A filha está tendo que dividir o quarto com esta tia, a mãe acaba dando mais atenção para ela e, acha que os filhos ficam com ciúmes, tanto que sentiu que o filho ficou mais agressivo. “Logo no início as crianças ajudavam a cuidar dela, agora estão querendo agredi-la” disse a mãe.

Quanto ao brincar, consideram como um desenvolvimento. É bom para ele, principalmente quando o pai e a mãe podem estar presentes, já que D fica mais animado quando estes dão atenção.

Caso 7: F – 5anos

Pais: A e A

Obs.: A criança também estava presente na entrevista.

Observação na escola:

F é uma criança passiva e calma. Em vários momentos no intervalo da escola F estava andando pelo pátio ou parado olhando as outras crianças brincarem. Também foi observado deitado no gira-gira rodando devagarzinho. Ele fica mais de lado, na dele, optando por brincar sozinho na areia, com o bambolê. Em um momento pode ser observado atrapalhando os amiguinhos no escorregador, mas quando chamaram a atenção dele, ele rapidamente retirou-se do lugar.

Entrevista com os Pais:

Os pais começam contando que F gosta de bicicleta, brincar na rua, dizem que deixam, pois moram numa rua calma. Também gosta de jogar bola, bater carta com os meninos vizinhos, porém não gosta de perder. Outra atividade que o filho faz e é prazerosa para ele é cantar, “ele gosta de imitar o Gino e Geno”, diz o pai.

F gosta de esparramar a areia dos pedreiros, faz amizade com todo mundo, principalmente com os adultos, gosta de chiclete, gosta muito de jogar bola no campinho que

tem perto da casa, pescar e brincar na areia, quando está nesta brincadeira é difícil tirá-lo, diz os pais.

Quando estas situações acontecem, do garoto não querer parar a brincadeira para fazer o que os pais pedem e precisa ser feito, estes dizem que o convencem e, o menino acaba aceitando.

As brincadeiras que incomodam os pais são aquelas que envolvem “arte”, bagunça, por exemplo, apertar a campainha dos vizinhos, bater na bunda dos outros, os pais dizem que precisam ficar chamando a atenção dele.

O pai fala que não gosta que o filho assista filmes de terror, violentos, mas que o garoto gosta e vai atrás, pega emprestado. F gosta bastante de assistir TV, mas só o que interessa a ele, como desenhos, apresentação de cantores de música raiz. Quando o filho cansa de assistir TV, vai atrás dos pais para poder ficar conversando. Estes trabalham em casa, portanto, estando presentes o dia todo.

O pai afirma que deixa F a vontade para fazer o que quiser. A mãe concorda e diz que acredita que isto se deriva do fato de serem mais velhos e já serem avós, portanto, têm mais paciência. Nota-se que o filho chamava o pai de “véio”.

A mãe conta que antes o filho tinha muito medo de bombinha, fogos de artifício, e que hoje ele não tem mais, pois eles foram dando bombinha, tracks, para ele estourar e com isto ele perdeu o medo.

O tempo inteiro F solicita os pais para brincar, principalmente o pai durante o dia, diz a mãe. Quando esta está à toa ele fica atrás dela, ele gosta muito de se envolver com o que os pais estão fazendo.

Os pais falam que o filho até brinca sozinho, mas prefere estar com mais gente, pode ser criança ou adulto. Dizem que o garoto, no começo, era muito apegado à eles, só querendo brincar com eles, mas devagar foi se soltando. A mãe considera que brincar sozinho é chato, e afirma “piscina sozinho, não tem graça”.

Ela também narra que o filho tem ciúmes das irmãs mais velhas que o provocam, dizendo que a mãe é delas, com isso F fica bravo e enfrenta dizendo que é dele. Já dos próprios sobrinhos F não tem ciúmes e brinca super bem com eles.

A irmã mais velha de F mora na mesma cidade que ele e seus pais e, tem dois filhos, um de 4 anos e outro de 8 anos, com quem F brinca. A irmã mais nova mora em outra cidade e tem um bebê, a mãe diz que o filho adora quando esta vem visitá-los, pois o garoto adora casa cheia.

Os pais não colocam hora para o filho brincar. Quando aparece algum amiguinho ele brinca, senão fica com os pais no trabalho, conversando, brigando com a irmã e a tia (trabalham junto com os pais de F), porque estas o insultam. Contam que quando o filho fica muito tempo sem criança para brincar, come demais, fica só em volta da televisão e eles não gostam e, o levam no campinho para jogar bola.

Os sobrinhos vão de vez em quando lá e, os amigos também, porque senão F e as outras crianças brigam. Eles brigam pelo fato de F não querer dividir seus brinquedos. Os pais dizem que ele é ciumento, o que ele estiver usando ele não empresta, com as outras coisas podem brincar, mas o que está com ele não.

A rotina de F é ir para a escola de manhã, 11:30hs volta, almoça e fica livre para fazer o que quiser. Se as brincadeiras dele for na rua, sempre tem alguém de olho. Toma banho, faz a tarefa. A mãe conta que ele não gosta de fazer tarefa, que ela precisa ficar em cima dele, pegar na mão para que a atividade possa ser concluída. Janta, assiste TV e dorme cedo. Durante o dia ele não costuma dormir, só se tiver acordado muito cedo. O pai acredita que o dia a dia do filho é bom.

A mãe comenta sobre a escola dizendo que, no início, o filho não gostava de ir, pois as crianças batiam nele e ele não fazia nada, não se defendia. Ele bate nas crianças maiores, nas menores não, a mãe acha que ele não tem maldade, por isto não se defende e chora. Mas afirma que hoje ele está bem na escola e que gosta de frequentá-la.

Para finalizar, pergunto sobre o que eles pensam e entendem pelo brincar. O pai responde que é muito bom para a criança brincar e, a mãe acha bom brincar de bola, bicicleta, mas não de computador, TV. Ambos acreditam que o brincar faz parte do desenvolvimento.

Caso 8: Z – 4anos

Pais: L e D

Obs.: A criança estava presente na entrevista.

Observação na escola:

Z é um menino ativo e criativo. Foi observado várias vezes brincando de faz-de-conta, no qual ele e outros amiguinhos escondiam, lutavam, corriam pra lá e pra cá. A brincadeira de luta é sempre escolhida pelo garoto, que não chora, nem esbraveja quando algo acontece com ele. Mas, ele se defende. Também brincou na areia, gira-gira, e estava sempre acompanhado de outros amiguinhos, principalmente, dois, no qual um era líder e ia dando as coordenadas da brincadeira e o outro juntamente com Z executavam as atividades.

Entrevista com os Pais:

Os pais começam dizendo que o filho gosta de brincar de luta, imitar os Power Rangers. O pai acha que o filho não tem muitos amigos, não interage muito com as crianças para brincar e, acaba ficando mais na televisão, mexe em tudo da TV e do DVD, no celular da mãe.

Por causa da diferença de idade entre Z e o irmão, que é 4anos mais velho, os pais dizem que não dá certo eles brincarem, ainda mais quando o irmão está com a turminha dele. Já quando os pais estão presentes, os filhos conseguem brincar juntos, devido os pais intervirem na brincadeira, por exemplo, pedindo para o filho mais velho chutar mais devagar a bola.

A mãe conta que Z brinca bastante com a cachorrinha e de escrever no caderno. Brinca tanto com outras crianças como sozinho. A mãe acha bom que o filho brinque com outras crianças, pois assim não fica sozinho, uma vez que, o irmão não fica com ele e nem brinca.

A mãe considera o pai mais paciente do que ela, dizendo que ela estressa e dá uns tapinhas, enquanto o pai conversa.

Eles afirmam que os filhos são muito diferentes. Contam que o filho mais velho brinca na rua, vai jogar bola no campinho. Ele acorda umas 7:00hs e brinca até na hora de dormir. Já

Z tem que pedir, insistir para sair da TV e brincar. Às vezes, a babá o leva para passear. A mãe acha que por ele ser muito pequeno, acaba ficando com pouca opção, pois não tem liberdade como o irmão para sair de casa e ir brincar na rua.

Os pais dizem que Z os solicitam bastante, de domingo fica cobrando o pai para levá-lo no parquinho do bosque. Dizem que ele é bem carinhoso, e às vezes, pede para que eles vejam o que ele fez (desenho, tarefa, etc.).

As brincadeiras preferidas do garoto são lutinha (adora lutar com a cachorra), escolinha, balanço. Pede para o pai desenhar, quando está brincando de escolinha e gosta de ouvir histórias, pedindo todo o dia a noite para o pai contar.

As brincadeiras que incomodam os pais são bola no quintal, jogo de cartas e assistir TV. O menino quando está assistindo Power Rangers luta junto, e eles não gostam.

Os pais notaram que o filho mais velho tinha muito ciúmes de Z, pois os pais o protegiam e, o garoto justificava esta preferência dizendo que era porque o irmão era menor, tinha olhos e cabelos claros. Perceberam isso e começaram a se policiar. Dizem que Z sempre tem que ganhar nas brincadeiras, e que o irmão permite após resmungar e chorar. Os pais falam que os dois juntos só brigam, tanto em brincadeiras quanto assistindo TV, pois Z sempre quer o que o irmão quer.

Os pais se consideram ausentes, pois trabalham o dia todo, e só encontram os filhos à noite. Eles contam que Z sente falta dos pais, uma vez que, um dia desses falou para eles que gostaria de comprar outros pais, porque estes trabalhavam muito.

Eles associam a calma e o fato de Z ser amoroso com o tempo que moraram no sítio, um ano e, acham que isso foi bom para o menino. A mãe fala que o amamentou até os 3 anos e que ele era bem apegado a ela. Quando começou a trabalhar ele se acostumou com a ausência dela, e esta acha que é porque ele ficava e era cuidado por boas babás. Hoje, ele chora com a saída da mãe para o trabalho.

O pai se culpa pela forma que criou o filho mais velho, pois trabalhava a noite e, durante o dia não tinha paciência para ficar com o menino, e a mãe também trabalhava. Já Z teve mais atenção, o tempo inteiro, e os pais passaram a pensar que deixaram o filho mais

velho de lado. Hoje eles tentam compensar esta diferença e ausência na vida dos filhos para não piorar a situação. O pai complementa dizendo “está na hora do Z desmamar”.

O pai acredita que Z é filhinho de mamãe, que é apegado a ela até hoje, já a mãe acha que é mais apegado ao pai. A mãe se considera muito estressada, e devido à isto os filhos correm para o pai. A mãe grita e o pai conversa, diz ela.

O pai acha que talvez por ser mais velho que a mãe tem mais paciência, gosta mais de estar com os filhos. A mãe diz que gosta de crianças, mas que atualmente anda muito estressada.

O pai tem um filho de 15 anos o qual ele não teve muita convivência, não deu atenção, e acha que por isto, hoje não quer perder esta oportunidade com estes filhos mais novos, assim, tendo mais paciência.

Os pais consideram Z muito obediente, “não tenho do que reclamar”, diz a mãe. A criança tem hora de dormir, o brincar só acontece depois disso. O irmão que é mais velho tem hora para brincar porque tem outros afazeres.

O dia a dia de Z começa bem cedo, ele levanta às 5hs, toma banho, mamadeira, come pão, vai para a casa da avó, onde a mãe trabalha e desce para a escola com o avô. Depois volta para a casa, almoça, assiste um pouco de TV, a babá chega a tarde para ficar com ele e a mãe volta para o trabalho. Quando o pai chega, a babá vai embora e ele fica brincando, assistindo TV com o pai. A hora que este sai, a babá volta, dá banho no garoto e ele dorme por volta de duas horas. Quando acorda brinca, assiste TV (filmes, músicas, adora filme de terror). A mãe chega do trabalho e vai fazer a janta, Z| fica com fome e quer comer quando a vê no portão de casa, fica pedindo comida e chora se não está pronta. Enquanto a mãe cozinha ele fica ao seu redor. Janta, assiste mais TV, vai para a cama, o pai conta estória, fazem oração e depois dorme. Eles dormem bem cedo, por voltas das 20hs.

O menino adora ir à escola. A mãe conta que não iria colocá-lo na escola este ano, mas ele pediu, acordou por uma semana às 5hs falando que também queria ir à escola.

Os pais acham que morar no sítio é melhor para as crianças, mas para os pais é difícil porque têm que trabalhar. Lembram que Z brincava com terra, ficava quietinho brincando. Acha que em sítio é mais calmo, portanto, melhor para eles.

A mãe fez alguns comentários sobre a saúde do filho, dizendo que ele nasceu com problema de cálcio, problemas nos dentes, e às vezes, dói. Tentaram tratar, mas não deu certo, então acharam melhor deixá-lo crescer para depois ver se terá solução. Devido a isto a criança toma bastante leite em vitaminas. Gosta de ir ao dentista. Algumas vezes inflamam os dentes e ele não pode ir à escola, ele chora que quer ir. O irmão fala que ele é louco, pois se estivesse no lugar dele não ia querer ir. O irmão não gosta muito de estudar, faz tarefa chorando, enquanto Z adora, faz tarefa, gosta de fazer sozinho e não gosta de fazer pouca, quer fazer um monte.

Ele é muito estudioso, a professora diz que ele parece um adulto estudando, diz a mãe. Também conta sobre o fato de Z querer assistir filmes em inglês e sem legenda, pede para assisti-lo assim. A mãe o considera muito criativo e responsável, diz que ele fica muito feliz quando vê os pais juntos, que começa a fantasiar sobre coisas melhores, como, casa nova e mais bonita. A mãe comenta: “ele delira”.

Por fim, os pais consideram o brincar como diversão, distração. O cérebro pede para as crianças se exercitarem, e brincando a criança usa a imaginação. Não sabem de que forma. O filho com os brinquedos usa muito a imaginação e gasta tempo. Acreditam que o brincar vai de acordo com o brinquedo que a criança gosta e se identifica.

Caso 9: C – 4anos

Mãe: A

Observação na escola:

C nas primeiras observações não tinha um bom relacionamento com as outras crianças, pois está o tempo todo brigando, batendo e chutando os amiguinhos. Nota-se que ela não é bem-vinda na brincadeira de seus colegas, e assim, acaba ficando sozinha. Em um momento, foi observada com uma amiguinha contando histórias, mas de forma agressiva, pois, enquanto contava a história batia e mordida o livro.

Já em uma segunda visita C estava interagindo mais e melhor com as crianças. Ela brincava de casinha com as meninas, de maneira bem criativa, tirava fotos fazendo o barulho

da máquina, chamava a amiguinha de filha. Mas ainda, mantinha algumas atitudes agressivas, como por exemplo, pular em cima de um urso, ser um lobo mal para agarrar as amiguinhas.

Entrevista com os Pais:

Não foi possível realizar entrevista, pois a mãe, com quem foi feito o contato, disse não ter horário naqueles dias que estavam sendo realizadas as entrevistas, pedindo para ligar em outro dia para marcar um horário. Porém, depois deste primeiro contato, ela não atendia mais as ligações.

Caso 10: P – 4anos

Observação na escola:

P é uma menina que ora se isola, ora briga. Na primeira observação, ela estava sempre sozinha, sentada em lugares isolados, como entre dois vasos, ou dentro da sala. Não realizava atividade, apenas ficava sentada olhando ao redor e, quando percebia que estava sendo observada, se retraía ainda mais, abaixando a cabeça.

Nas outras visitas, P estava um pouco diferente, interagiu com as outras crianças, porém de maneira agressiva, gritando, ficando brava. A professora conta que ela é uma criança egoísta, não querendo dividir os brinquedos com os coleguinhas e querendo sempre dominar a brincadeira. Se não é correspondida, resmunga e grita. Também pode ser vista brincando no gira-gira onde ela pedia para que girassem forte.

Entrevista com os Pais:

Não foi realizada a entrevista com os pais, pois não foi possível entrar em contato com eles. Em todas as tentativas de contato por telefone o número era inválido e a escola não possuía outros números.